

# Uma Celebridade Adoece

por

Dzongsar Khyentse Rinpoche

# Índice

<b>Preparando o Cenário</b> .....	3
<b>Onde está o Campo Búdico?</b> .....	5
<b>Vimalakirti</b> .....	7
<b>Shariputra</b> .....	9
<b>Maudgalyayana</b> .....	12
<b>Kashyapa</b> .....	15
<b>Subhuti</b> .....	16
<b>Rahula</b> .....	18
<b>Ananda</b> .....	20
<b>Maitreya</b> .....	22
<b>Jagatindhara</b> .....	25
<b>Suddata</b> .....	29
<b>Manjusri</b> .....	30
<b>Liberação e Sujeição</b> .....	35
<b>Shariputra</b> .....	37
<b>Pensar o Impensável</b> .....	39
<b>Manjusri</b> .....	41
<b>A Deusa</b> .....	43
<b>Manjusri</b> .....	45
<b>O que faz um Buda?</b> .....	46
<b>O que é Não-dualidade?</b> .....	48
<b>Shariputra</b> .....	48
<b>Ananda</b> .....	52
<b>O Epílogo</b> .....	54

Há cerca de dois mil e quinhentos anos, um homem no norte da Índia mudou o curso da história espiritual. Desde então, seu impacto e influência têm sido tão profundos e abrangentes que, mesmo hoje, as pessoas são abençoadas com uma simpatia e afinidade naturais não apenas por ele, mas por suas ideias inovadoras e seu legado de sabedoria único. Ainda somos profundamente tocados pela história de sua vida e fascinados pelo que as pessoas de sua época consideravam importante. Suas conversas nos intrigam, e ouvir sobre o que eles queriam alcançar nos inspira e motiva. Ao mesmo tempo, para uma mente moderna, muitas histórias soam completamente fantásticas. Como pessoas como nós podem sequer tentar entrar no espírito daquela era? Ou acreditar, e muito menos apreciar, uma única palavra do sutra brilhantemente profundo contido neste livro?

Nossa única esperança é usar nossa imaginação, nossas mentes. Afinal, o que mais há? Como o próprio grande homem indiano disse, não há nada além da mente. E se, ao conhecer as histórias fabulosas registradas neste sutra, pudermos, no processo, derramar algumas bênçãos sobre nós mesmos e sobre os outros – e talvez até mesmo tirar um pouco de consolo delas – então, por que não? Por que não soltar nossa imaginação e mergulhar nos contos antigos e fantasmagóricos conhecidos como ‘O Sutra do Ensino de Vimalakirti’<sup>1</sup> ou, o ‘Sutra de Vimalakirti’?

## **Preparando o Cenário**

Muitas das conversas registradas no Sutra de Vimalakirti acontecem em um bosque de mangueiras. As mangas eram, e são, frutas muito populares na Índia e os bosques de mangueiras são cultivados em todo o país há séculos. Mas não é a fruta da manga que é importante para esta história, é o que aconteceu debaixo dos galhos de um bosque de mangueiras em particular no norte da Índia. Sempre que penso nisso, sou preenchido por uma vívida sensação do enorme número de ensinamentos de sabedoria que foram dados, discutidos e debatidos sob seus ramos. Também lembro-me que esse grande homem indiano frequentemente usava a manga como exemplo. Ele dizia que os seres humanos desenvolvem-se da mesma forma que as mangas. Alguns de nós amadurecem por fora, mas não por dentro; outros amadurecem por dentro, mas não por fora; outros ainda amadurecem tanto por dentro quanto por fora, ou não amadurecem de modo algum.

Como era naquele bosque de mangueiras, pergunto-me? Você consegue imaginar? O aroma pesado e doce das mangas maduras, cada uma cercada por um enxame de abelhas; todas aquelas moscas irritantes; as onipresentes pilhas de esterco de vaca fumegantes; os búfalos pretos com pelagens brilhantes e chifres

bem oleados; o capim comprido e áspero balançando no vento quente e seco; e, claro, o ar espesso com nuvens de poeira vermelha e amarela. No meio de tudo isso estava um homem – para fins de comunicação clara, vamos chamá-lo de ‘Tathagata’ – e ao seu redor estavam seus muitos discípulos, bodisatvas, arhats, monges, reis dos deuses, reis dos asuras, reis dos homens e suas consideráveis comitivas.

O bosque das mangueiras do Tathagata não ficava longe da antiga cidade de Vaishali, que hoje encontra-se em Bihar, a apenas vinte horas de trem de Delhi. O atual Bihar é um dos estados mais pobres da Índia. Seus políticos corruptos são infames por terem traído os desejos do povo de Bihar ao perpetuar o sistema de castas apenas para manter seu controle sobre o poder. Em contraste, dois mil e quinhentos anos atrás, Vaishali – que, ironicamente, foi a primeira grande república do mundo – era famosa por ser a cidade capital do amplamente influente clã Licchavi, o berço do fundador do jainismo e onde o Tathagata deu seu último ensinamento antes de seu parinirvana.

O Sutra de Vimalakirti começa com uma grande procissão composta por quinhentos jovens Licchavis. Eles caminharam desde Vaishali até o bosque das mangueiras com a única intenção de visitar o Tathagata e fazer-lhe oferendas. Multidões sempre reuniam-se em torno do Tathagata onde quer que ele fosse, mas essa resplandecente cavalgada de quinhentos belos homens e mulheres, trajando suas melhores vestes e cada um carregando um requintado para-sol com joias como presente para o Tathagata, era única. Que visão gloriosa! Eu gostaria que alguém tivesse tido uma câmera; alguém como o grande cineasta japonês Akira Kurosawa, talvez. Mas mesmo o olhar infalível do poderoso Kurosawa — como um minúsculo inseto olhando para o céu infinito — teria sido incapaz de captar tudo o que aconteceu naquele dia.

O que aconteceu em seguida é um pouco difícil de engolir para pessoas modernas, céticas e de mente estreita como nós. Nossas mentes são tão pequenas quanto o bicho-da-conta que faz um buraco em um pedaço de madeira e pensa: 'Isso deve ser o céu!' Na verdade, ainda menores, e, portanto, virtualmente incapazes de compreender o que veio a seguir. É apenas uma história exagerada? Alguns podem pensar assim; ou, na melhor das hipóteses, que é um milagre. Mas a maioria das pessoas provavelmente ignorará a coisa toda. É por isso que agora devo afinar nossas mentes, para que possamos pelo menos tentar entender o que aconteceu naquele dia.

Tente manter seu coração e mente abertos enquanto você visualiza a cena em sua mente. Os Licchavis chegam ao bosque das mangueiras e oferecem seus quinhentos para-sóis ao Tathagata. Ele aceita todos graciosamente e os abençoa. Em um instante, todos os quinhentos para-sóis tornam-se um só, sob a qual o

Tathagata coloca o universo *inteiro* — não apenas os poucos planetas que nós, seres humanos, conseguimos nomear, como Júpiter e Marte, o universo inteiro. E tudo se encaixa! É precisamente onde nossos problemas começam.

Nossas mentes fixas e dualistas acostumaram-se com a ideia de que mesmo três pessoas são demais para caber sob um único guarda-chuva em um dia chuvoso. Então, como o Tathagata conseguiu encaixar o universo inteiro sob um único para-sol ornamental? Ele estava exercendo seus poderes milagrosos? A capacidade de realizar milagres é uma das muitas qualidades únicas de um ser sublime, então essa não é a explicação mais provável? Ou não passava de um truque de mágica?

Aqueles entre vocês com mentes particularmente críticas e céticas podem sentir-se tentados a descartar todo o incidente como um mito budista fantasioso. Mas, independentemente do que você pense agora, apenas tenha esta primeira história em mente. Se você fizer isso, à medida que o sutra se desenrola, você pode começar a entender porque ela é tão importante e, mesmo que ainda não possa aceitá-la literalmente, pelo menos não a descartará completamente.

Antes de continuarmos, devo dizer que o Tathagata também é conhecido como o Buda. Na verdade, Buda, o Tathagata, tinha muitos nomes diferentes — Touro entre os Homens, Leão dos Shakyas e Rei dos Bípedes. Ele também era conhecido como o Rei dos Destruidores dos Inimigos (um 'arhat'). Mas no caso dele, os inimigos não eram pessoas, eram suas emoções e seu hábito de agarrar-se ao seu ego. Ao longo de suas mil vidas anteriores como um bodisatva, as únicas coisas que o Tathagata destruiu foram suas emoções e seu ego; ele nunca prejudicou um único ser.

## **Onde está o Campo Búdico?**

Depois que o Tathagata abençoou o para-sol e colocou o universo inteiro debaixo dele, os Licchavis o louvaram longamente e, em seguida, fizeram uma pergunta muito importante.

"Onde está o Campo Búdico?"

Durante a vida de Buda, essa pergunta era um pouco como um cristão contemporâneo perguntando: "Onde fica o céu?"

A resposta muito longa de Buda começou com: "É aqui! Exatamente onde vocês estão sentados. Este lugar mundano e samsárico é um campo búdico."

Enquanto ele continuava a falar, um de seus discípulos mais próximos, Shariputra, observou a poeira, os espinhos e, claro, as pilhas de esterco de vaca que o cercavam e pensou: "Como este lugar pode ser um campo búdico?".

Isso soa como uma dúvida, não soa? Mas, neste contexto, o ceticismo de Shariputra foi uma manifestação das bênçãos de Buda e é, em si, um ensinamento crucial – especialmente hoje, quando tantos duvidam de seus professores e gurus espirituais, do caminho espiritual, dos ensinamentos e de seus colegas buscadores espirituais. Graças a esta história, no entanto, agora sabemos que é possível que uma dúvida surja como resultado das bênçãos de Buda. Mas, por favor, lembrem-se, nem todas as dúvidas são bênçãos.

Embora nenhum dos outros bodisatvas tenha tido dificuldade em aceitar que o sujo e estéril Bihar era um campo búdico, Shariputra simplesmente não conseguia ver isso. O Bihar do século XXI é o lugar mais barulhento da Terra. Também é desesperadamente superpovoado. Música de Bollywood toca em todas as janelas e buzinas de carros soam continuamente dia e noite. Como bandidos e gângsteres controlam o estado, também é muito perigoso; dizem-me que os biharis comuns têm mais medo da polícia do que dos bandidos e gangues de rua.

"Como pode este lugar com suas rochas nuas, poeira, espinhos, penhascos traiçoeiros e calor escaldante ser um campo búdico?", pensou Shariputra.

O Buda, instantaneamente ciente do que se passava na mente de Shariputra, explicou rapidamente 'como', e em seguida abençoou Shariputra para que ele também pudesse ver o campo búdico puro e bem-aventurado em que estavam, desprovido de 'penhasco', 'abismo' ou 'perigo'. Vamos chamá-lo de um campo búdico 'real' por enquanto.

Buda abriu os olhos de Shariputra da mesma forma que um bom professor de arte pode demonstrar a grandeza e o significado de uma peça de arte moderna de outra forma incompreensível. Ao explicar como o artista reinterpreto as regras de composição e cor, a intenção por trás da obra, a coragem que tal abordagem radical exigiu e as atitudes sociais predominantes em relação à arte, um professor pode revelar por que um artista como Picasso, por exemplo, é tão altamente considerado no mundo da arte. Uma vez que os olhos dos alunos foram abertos para o brilhantismo e a ousadia da abordagem de Picasso, eles começarão a ver que o que inicialmente parecia nada mais do que um selim de bicicleta e um par de guidões quebrados é, na verdade, uma obra de arte genuína. Mas é claro, é desnecessário dizer que o Buda realizou muito mais do que isso quando suas bênçãos tornaram possível para Shariputra ver o imundo Bihar como um campo búdico. Isso também marca o início da discussão detalhada do Sutra de Vimalakirti sobre o quão diferente é a percepção do mundo de cada indivíduo.

## Vimalakirti

Você deve estar se perguntando por que este texto é chamado de Sutra de 'Vimalakirti'. A maioria de nós sabe que os sutras pertencem à rica tradição literária da Índia. Um sutra pode ser um registro de um ensinamento, ou um manual, ou simplesmente uma coleção de aforismos, como os Yoga Sutas de Patanjali, ou mesmo o Kama Sutra. Então, de onde este sutra recebe seu nome?

Um dos cidadãos mais bem-sucedidos e populares de Vaishali na época era um Licchavi chamado Vimalakirti. Ele era um *leigo* — por favor, tenha isso em mente. É importante porque, na época, os membros mais altamente reverenciados e valorizados da sociedade indiana eram os sannyasins — monges e renunciantes — e não os leigos; e especialmente não os leigos que mantinham o tipo de companhia não convencional e extremamente colorida que Vimalakirti adorava.

Hoje em dia, provavelmente descreveríamos uma pessoa vistosa, extravagante e recém-rica como 'nouveau-riche'. Vulgares e ostentosos, os nouveau-riche fazem coisas como cobrir cada dente de sua cabeça com ouro, ou correr para comprar o novo relógio de pulso Hublot de 'um milhão de dólares' sem tê-lo visto, ou gastar US\$ 60.000 em uma bolsa Hermès de pele de crocodilo. Eles exageram em tudo, assim como Vimalakirti. Ele era, de fato, um verdadeiro mestre do excesso esbanjador.

Quando penso em Vimalakirti, vejo-o rodeado por uma superabundância de luxo pecaminoso e servido por uma legião de moças deslumbrantes – duas para segurar sua colher, duas para segurar seu prato, duas para colocar frutas no prato, duas para descascar suas uvas, e provavelmente até duas para colocá-las em sua boca. Imagino-o preguiçosamente em uma rede de seda enquanto ele contemplava as vistas exóticas da selva de Bihar pela janela de seu quarto. Quando ele comia, teria sido em uma mesa de mogno em uma plataforma flutuante no meio de um lago de lótus. Sua comida teria sido apresentada em pratos de turquesa, e ele teria bebido apenas os melhores vinhos em cálices de lápis-lazúli inestimáveis. Claro, estou dando rédea solta à minha imaginação aqui, mas tenho a sensação de que imaginar não só é permitido neste contexto, como é ativamente encorajado. Basta ler o texto, está tudo lá! Incluindo descrições maravilhosamente detalhadas não apenas de seu palácio, mas também de seu modo de vida.

Tenho certeza de que ele frequentava o que chamaríamos de 'bares', onde bebia substâncias inebriantes em cálices altos de jade. Quanto às casas de prazer 7 estrelas daquela época, não tenho dúvidas de que ele teria sido um frequentador assíduo e muito amado. Criaturas iludidas e de mente pequena como você e eu não temos esperança de imaginar como eram essas casas de prazer de alta classe, nem

temos palavras para descrevê-las — 'bordel luxuoso', talvez? Se visitássemos um lugar assim, mesmo o mais tímido dos olhares de uma das moças sensuais e voluptuosas que trabalhavam lá nos faria girar em um turbilhão de fantasia.

Vimalakirti frequentemente convivia com reis, estudiosos, ministros, senhores da guerra, generais e, é claro, empresários obscenamente ricos e espertos. Mas ele também era um filantropo gentil e generoso, que visitava escolas e cuidava muito bem das crianças. Aonde quer que fosse, ele cumprimentava todos que encontrava, independentemente de sua casta ou ocupação, até mesmo os agricultores e varredores de rua. Como resultado, apesar de todas as suas falhas morais e depravação, ele era universalmente amado, respeitado e adorado. Ele era um personagem incrível.

Então, Vimalakirti é o herói desta história. Nós o encontramos logo depois que ele adoeceu, e essa doença torna-se a força motriz do sutra. Vaishali estava em polvorosa com a notícia de que Vimalakirti estava com uma saúde tão precária que havia recolhido-se ao leito. Multidões de pessoas bem-intencionadas apareceram em seu palácio, e você pode imaginar exatamente os tipos de perguntas que eles lhe faziam.

"Você está bebendo água suficiente?"

"Você está descansando o bastante?"

"Você já experimentou a cura do suco orgânico?" Ou uma das outras curas milagrosas que estavam sendo divulgadas na época. E assim por diante.

Todos os seus amigos, conhecidos e todos que o conheciam estavam genuinamente preocupados e a cidade transbordava de visitantes que queriam saber como ele estava. Todos, exceto um amigo muito especial.

"Nenhuma notícia ainda do Tathagata?" pensou Vimalakirti. "Pergunto-me por quê?" E a quilômetros de distância, no bosque das mangueiras, o Buda sabia exatamente o que Vimalakirti estava pensando.

O que se seguiu inspirou algumas das trocas filosóficas mais penetrantes que já ocorreram nesta Terra. E tudo foi desencadeado pelos sentimentos feridos de um homem doente e rico que se sentiu negligenciado porque seu amigo mais amado não o tinha visitado. Que maneira maravilhosa de começar uma história.

## Shariputra

Shariputra, como já mencionei, era um dos aprendizes mais próximos do Buda e de grande importância na Sanga. Murais de templos geralmente o mostram de pé à direita do Buda — o braço direito do Buda. Shariputra não era apenas renomado como o mais inteligente e perspicaz de todos os alunos do Buda, perdendo apenas para o próprio Buda em termos de sabedoria, ele também era um monge impecavelmente puro. Lembre-se disso, porque em algumas páginas pode parecer que Vimalakirti está zombando dele e, quando isso acontecer, é importante que você se lembre de que Shariputra não era nem tolo, nem idiota.

“Shariputra,” disse o Buda. “Você deveria ir a Vaishali para perguntar por Licchavi Vimalakirti. Ele não está bem, coitado. Mas ele sempre foi um bom amigo da Sanga, então eu gostaria que você o visitasse em meu nome para perguntar como ele está.”

Shariputra ouviu atentamente e respeitosamente o pedido de seu mestre, mas não respondeu imediatamente. Os outros discípulos ficaram surpresos. Normalmente, se o Buda pedisse a Shariputra para fazer algo, ele já teria praticamente concluído a tarefa antes mesmo de o Buda terminar sua frase. Então, por que, eles perguntaram-se, Shariputra hesitou?

Após uma pausa desconfortavelmente longa, Shariputra fez um gesto de profundo respeito ao seu mestre, e então começou a falar.

“Ah, não! Por favor, meu Senhor, por favor não me envie!” Ele então contou ao Buda sobre seu encontro mais recente com Vimalakirti.

Shariputra estava meditando pacificamente à sombra de uma grande árvore, quando de repente, Licchavi Vimalakirti apareceu diante dele, como se do nada.

“Não, não, não! Shariputra,” disse Vimalakirti, franzindo a testa. “O que você está fazendo está completamente errado! Não é assim que se medita!”

O que se segue é um ensinamento extraordinariamente profundo, durante o qual, com maestria assombrosa, Vimalakirti escrutina, desmantela e desconstrói o mito da meditação. Lembre-se, Shariputra não era um charlatão. Ele era um mestre de meditação autêntico e altamente realizado, e excepcionalmente talentoso espiritualmente. Sua meditação era muito mais refinada do que podemos sequer começar a imaginar. Para qualquer um de nós tentar avaliar ou julgar a extensão de sua prática seria tão ridículo quanto tentar segurar o céu inteiro na palma de uma mão. Mas, é claro, seres notáveis como Shariputra não veriam diferença entre os dois, ou entre um punhado de poeira e um quilo de ouro. Ele era um budista de alto nível; nada nele poderia ser descrito como de baixo nível. No entanto, foi a Shariputra que nosso amigo, nosso herói, Vimalakirti, dirigiu suas críticas. Devo

confessar que a maior parte do que ele disse está muito além da minha compreensão, mas muitas vezes perguntei-me se a troca de palavras entre eles foi deliberadamente encenada. Para mim, parece que Shariputra e Vimalakirti estavam atuando em uma peça, talvez como uma forma de nos guiar e libertar, para ajudar a dissipar nossa confusão.

Por exemplo, Vimalakirti disse: “Você nunca deve se afastar da cessação, nem deve se afastar das atividades pós-meditação.”

De que raios ele está falando? Ele está realmente sugerindo que nunca devemos nem 'não meditar', nem 'não não meditar'? Porque é assim que minha mente limitada interpreta o que esses dois seres excepcionais estavam dizendo um ao outro.

Um dos nossos maiores erros é que interpretamos automaticamente ‘não se distraia’ significando que devemos ‘permanecer’, ‘habitar’ e ‘concentrar’. Nunca imaginamos que isso poderia significar ‘deixe flutuar’ ou ‘deixe estar’. Pelo menos, é isso que acho que Vimalakirti está dizendo aqui. Mas é difícil para os praticantes comuns parar de imaginar que meditação é permanência, porque, inicialmente, é isso que nos ensinam.

Você consegue imaginar um dos instrutores de meditação de hoje lhe dizendo que você *não deve* se concentrar? Aqueles de nós que tentam praticar meditação shamata de vez em quando – nunca com a frequência suficiente, obviamente – pensam que a coisa certa a fazer é sentar-se em uma almofada e não navegar na internet. Mas mesmo quando estamos sentados em uma almofada, nossas mentes estão distraídas. Em vez de meditar, nós reencenamos uma discussão que acabamos de ter, ou nos preocupamos com o estado do nosso saldo bancário ou com nossa mais recente crise emocional.

Os professores de meditação de hoje nos encorajam a responder aos nossos pensamentos mais dispersos com: "Não, eu não devo pensar assim. Devo trazer minha atenção de volta para a minha respiração e focar nas sensações que sinto na pele abaixo das minhas narinas." O que tentamos fazer. Mas é claro, não demora muito para que comecemos a pensar em nossos problemas e, assim, novamente, trazemos nossas mentes de volta à nossa respiração. É um bom método, necessário, e certamente um passo na direção certa. Mas, do ponto de vista de Vimalakirti, este tipo de meditação está longe de ser o ideal.

Para simplificar, Vimalakirti diz a Shariputra que a verdadeira meditação é *meditar e não meditar* ao mesmo tempo; que uma lacuna entre a meditação e a pós-meditação não deve existir; e que a parede entre a distração e a concentração deve desmoronar. Se apenas meditarmos, ele diz, estamos basicamente fazendo nada — e 'nada' inclui fazer um esforço deliberado para não fazer nada. Em vez

disso, devemos permanecer na cessação — ou absorção meditativa, atenção plena, foco em um ponto, o que você quiser chamar — *sem evitar a atividade*. Este parece ser o ponto de Vimalakirti.

Então, se você estiver ouvindo música, vá em frente, ouça a música. Se você estiver picando uma cebola, vá em frente, pique sua cebola. Enquanto você pica, se seu nariz formigar, vá em frente e coce-o. Não tente escapar da atividade. Seja atento, mas também seja ativo. A meditação não é uma desculpa para parar de fazer as coisas, mas é exatamente isso que acabamos fazendo — ou não fazendo! O que você pensa quando ouve a palavra 'meditação'? Na sua almofada de meditação (zafu), não na sua tábua de cortar. Ou sentar-se com as costas retas olhando para seu santuário, não ir nadar.

A propósito, o Sutra de Vimalakirti não é um ensinamento gradual, ele enquadra-se na mais alta categoria de ensinamentos sobre o significado definitivo — nitartha em Sânscrito. Mas só porque você está lendo um ensinamento elevado que contém todo tipo de declarações extraordinárias, não despreze ou desdenhe o caminho gradual, e não se iluda pensando que está pronto para abandonar os ensinamentos básicos. Lembre-se, você não é Shariputra — nenhum de nós é um praticante de seu calibre.

Ao mesmo tempo, ao ler este sutra, podemos ouvir algumas discussões excepcionalmente perspicazes que contém uma grande quantidade de informações que precisamos ouvir. Se ignorarmos esses ensinamentos, ou não nos preocuparmos em lê-los ou ouvi-los, é provável que o Budismo do futuro torne-se insignificante. Os praticantes acabarão fazendo pouco mais do que sentar-se em zafus, comer comida vegetariana e buscar a felicidade pessoal e a não-violência — o que é totalmente patético!

Disseram-me que 'sorriso' é atualmente uma hashtag para o Budismo. É tão embaraçoso! Vimalakirti jamais teria tolerado isso. Se ele estivesse vivo hoje, ele impiedosamente despedaçaria e demoliria os chamados ensinamentos 'espirituais' que estão sendo divulgados como a 'verdade'. O que ele teria a dizer sobre a hashtag 'sorriso' do Budismo e sobre o uso do 'mindfulness' como terapia, pergunto-me?

Se o Budismo deve ter uma hashtag, deveria ser 'medite e não medite ao mesmo tempo, caso contrário você não está fazendo certo!' Que é o que Vimalakirti disse a Shariputra. Ele também disse, você deve meditar como se já fosse um ser sublime, imaculado, mas sem abandonar sua normalidade. Seja sublime, mas não desista do mundano – é assim que você deve meditar. Claro, você também deve concentrar-se e não deve se distrair, mas isso não deve impedir de usar seus sentidos.

Quando ouvimos a palavra ‘meditar’, o que fazemos? Muitos de nós fechamos imediatamente os olhos na tentativa de escapar da nossa realidade presente. Vimalakirti parece desaprovar essa abordagem. Iniciantes frequentemente acham que fechar os olhos ajuda. Mas se você tem que fechar os olhos, você não deveria também bloquear seus ouvidos e seu nariz? E o tato? E todos os sentimentos que vêm através da sua pele? E o mais difícil de todos, como você bloqueia sua mente? No entanto, mesmo que você consiga fazer tudo isso, não é possível aperfeiçoar a meditação apenas desligando seus sentidos. E é meu palpite que esse bloqueio absurdo é o que Vimalakirti está zombando. Mas devo repetir que mal consigo compreender uma fração do que está acontecendo entre Vimalakirti e Shariputra nesta única frase, muito menos no resto do sutra.

## **Maudgalyayana**

Maudgalyayana é outro grande nome na Sanga de Buda. Ele também fazia parte do círculo íntimo de Buda e era um de seus aprendizes mais próximos. Tornar-se o aprendiz do Iluminado era provavelmente algo como desistir de seus estudos em uma escola de arte altamente respeitada para se tornar o aprendiz de um grande escultor ou artista. Certamente, muitos dos grandes arhats dedicaram suas vidas inteiras ao Iluminado, a quem seguiam como uma sombra.

Se você topasse com Maudgalyayana, provavelmente o confundiria com o próprio Buda; era como se ele tivesse sido moldado na mesma forma. Nos sutras, Maudgalyayana e Shariputra aparecem juntos na maioria das vezes, e os murais dos templos geralmente colocam Shariputra à direita do Buda e Maudgalyayana à sua esquerda. Entre suas muitas outras grandes qualidades, Maudgalyayana era um conhecido e poderoso realizador de milagres.

Era bastante natural, então, para o Buda voltar-se para Maudgalyayana depois que Shariputra se recusou a visitar Vimalakirti em seu nome. Maudgalyayana aceitaria a incumbência?

“Não, meu Senhor,” respondeu Maudgalyayana, com o mesmo gesto de devoção e respeito que Shariputra havia oferecido.

Outra resposta surpreendente, e uma que deve ter deixado os outros discípulos tanto perplexos quanto fascinados. Quem era este homem, Licchavi Vimalakirti? E por que dois arhats tão talentosos, os mais poderosos de todos os discípulos do Buda, estavam fazendo o máximo para evitá-lo?

“Acho que não estou à altura,” disse Maudgalyayana. Ele então passou a descrever o que havia acontecido da última vez que ele e Vimalakirti encontraram-se.

Maudgalyayana estava ensinando a uma grande reunião de leigos, quando de repente, Vimalakirti apareceu diante dele, como se do nada.

“Maudgalyayana,” disse Vimalakirti. “Você não deveria ensinar o darma desse jeito!”

Imagine isso acontecendo hoje. Imagine um famoso professor budista contemporâneo sendo interrompido por um homenzinho brilhante com cabelo preto comprido, um relógio de pulso de ouro incrustado de diamantes e um charuto muito grosso e muito caro preso entre seus dentes mais brancos que o branco. Imagine a expressão no rosto do professor quando o homem disse: “Você não deveria ensinar o Dharma desse jeito!” Como os estudantes bajuladores do professor reagiriam? “Como ele ousa dizer ao nosso mestre perfeito como ensinar!”, talvez?

Quaisquer que fossem as reações, Vimalakirti ignorou todas elas e continuou a desconstruir em detalhes meticulosos o que realmente significa 'ensinar o Dharma'.

Como não há alma, não há ser senciente, não há eu, não há nascimento, não há morte, não há pessoa, não há passado, não há futuro, não há palavras, não há frase, não há cor, não há forma, nada a ser abandonado e nada a ser adotado, o que há para ensinar? O chamado 'ensinar' não é nada mais do que uma fabricação, assim como o chamado 'ouvir'. Onde há fabricação, nem uma sílaba do Dharma pode ser pronunciada. Não existe 'ouvir o Dharma' ou 'expor o Dharma', porque há apenas fabricação. Fabricação é tudo o que existe. É um pouco como um mágico que cria duas pessoas. Ele faz de uma a expositora e da outra a ouvinte, mas nem 'expor' nem 'ouvir e contemplar' jamais acontecem.

As declarações de Vimalakirti são incrivelmente perspicazes. Infelizmente, pessoas de mente pequena como nós não apenas falham em entender suas palavras, mas também irritam-se com tudo o que ele diz. Do que ele está falando? Como um ensinamento sagrado pode ser uma mera fabricação? E o que há de errado em ensinar as pessoas a absterem-se de matar, roubar e mentir? As pessoas precisam ouvir esse ensinamento, então certamente é isso que deve ser ensinado! É o tipo de ensinamento que não só nos ajuda a ajudar a nós mesmos, mas também a ajudar os outros. Quanto ao carma e à reencarnação, como podem ser uma fabricação? Eles não formam um dos pilares do Budadarma, a essência de um caminho espiritual?

Tenho uma mensagem para os chamados budistas — especialmente aqueles da Grã-Bretanha — que orgulham-se de anunciar-se como pioneiros da noção de que pode haver um Budismo sem crenças e um Budismo além da

reencarnação. Vocês estão dois mil e quinhentos anos atrasados! O crédito por essas ideias pertence unicamente a este empresário rude, hedonista e filantropo de Vaishali.

Posso estar presumindo demais aqui, mas o ponto de Vimalakirti não é que, enquanto o pensamento e a ilusão forem considerados reais, também haverá ilusão? E que, enquanto houver ilusão, haverá um caminho ou método para nos despertar dessa ilusão? Mas assim como a ilusão não é real, o caminho que nos liberta da ilusão também não é. Como poderia ser? Se a cobra com a qual você sonhou na noite passada era uma ilusão, como a vara que você usou para afugentar a cobra poderia ser real? Se a vara fosse real, então a cobra também teria que ser real. Então, Vimalakirti parece estar dizendo que, assim como tudo é uma ilusão, o caminho que o liberta da ilusão também é uma ilusão. Neste caso, o caminho é o ensinamento. Portanto, ensinar, ouvir, entender e realizar são todas ilusões.

Você pode perguntar: "Por que então nós ensinamos?"

Nós ensinamos por compaixão por aqueles que pensam que a ilusão é real e ainda não perceberam que não é, e ensinamos para aqueles com hábitos fortes. A compaixão nos impele a aplicar cada método hábil disponível em nosso esforço para ajudá-los, o que significa que devemos fingir que ensinamos. Ao ensinar, podemos oferecer à pessoa que sonha com uma cobra a escolha de muitos tipos de varas para afugentá-la; e ao fazer isso, servimos ao Budadarma. Nossa única razão para ensinar só pode ser o objetivo supremo da compaixão incondicional. E se, por compaixão, aplicamos o método hábil do ensino, a luz do Buda, do Dharma e da Sanga continuará a brilhar.

Atualmente, há pessoas no Ocidente que adoram criar um tipo de caminho espiritual misto para si mesmas. Elas não hesitam em descartar os ramos da árvore tradicional dos ensinamentos budistas que não conseguem entender — a reencarnação, por exemplo, que descartam como sendo pouco mais do que um hábito cultural indiano, uma ilusão. No entanto, elas continuam a promover, lucrar e agarrar-se desesperadamente a outros ramos tradicionais do Budismo, como a atenção plena, a meditação, a moralidade e a ética.

De volta ao bosque das mangueiras, Maudgalyayana encerrou sua história dizendo que, após seu encontro com Vimalakirti, ele havia perdido toda a confiança — mas, por favor, tenha em mente que, por sua grande compaixão por pessoas como eu, Vimalakirti e Maudgalyayana quase certamente encenaram este encontro.

## Kashyapa

Em seguida, o Buda voltou-se para um de seus maiores discípulos, Kashyapa, o monge que o próprio Buda nomeou para ser seu regente. Foi Kashyapa quem convocou a primeira assembleia da Sanga, onde os discípulos iniciaram o processo de compilar todos os ensinamentos do Buda para o benefício das futuras gerações — pessoas como nós. E ele, também, tinha uma razão muito boa para recusar-se a visitar Vimalakirti.

Certa manhã, ao sair para pedir comida, Kashyapa pensou consigo mesmo: "Hoje vou pedir aos pobres porque os pobres precisam acumular mérito."

Enquanto ia de porta em porta no bairro mais pobre de Vaishali, Vimalakirti de repente apareceu diante dele, como se do nada.

"O que você está fazendo, Kashyapa?" perguntou Vimalakirti. "Por que você está pedindo aos pobres? Isso é um grande erro! Por que você está discriminando entre ricos e pobres? Você não deveria fazer isso! Quando você pede esmolas, deve ser com uma atitude de equanimidade e compaixão por *todos* os seres sencientes."

Com essas palavras, Vimalakirti tira o tapete debaixo dos pés de todos. Estamos tão contaminados com o politicamente correto que escolhemos os objetos da nossa compaixão. Nossas mentes não são apenas dualistas, nossa compaixão também é. Devemos sentir compaixão apenas por um órfão pobre, doente e desamparado? Ou cães de rua? Estamos realmente sendo compassivos quando nos esforçamos para salvar a vida de um cão raivoso, mas nos sentimos presunçosamente satisfeitos quando o mesmo cão morde Donald Rumsfeld? Ou se ajudamos um órfão de Bangladesh em vez de um bilionário, como Donald Trump? Nossos corações se compadecem dos sem-teto no tempo gelado, mas permanecemos inteiramente impassíveis diante de um tweet sobre Bill Gates sendo servido com um bife duro no jantar. O que Vimalakirti parece estar dizendo a Kashyapa é que todos, ricos e pobres, famosos e insignificantes, devem ser objetos iguais da nossa compaixão.

Uma das observações mais importantes que Vimalakirti faz nesta seção é que Kashyapa deveria pedir esmolas a seres míopes e iludidos que veem uma parte e a imaginam como o todo. É uma declaração que nunca deixa de impressionar-me. Ele não está falando de todos nós? Olhamos para nós mesmos, mas não vemos que somos coleções fragmentadas e transitórias de pedaços e pedaços que estão sujeitos ao tempo, espaço, nome, decadência e interpretação. Não vemos as diferentes partes, apenas vemos um todo. Por exemplo, eu diria que sou um homem. Mas se eu fosse desmantelado e reduzido a uma pilha de átomos, nem mesmo eu poderia apontar para um desses átomos e chamá-lo de homem. No

entanto, estou convencido de que tenho um gênero — que sou um homem. É uma ideia com a qual estou preso, e certamente alguém tão preso quanto eu também deveria ter a oportunidade de acumular mérito.

Mas lembrem-se, Vimalakirti era um leigo.

"Se um leigo pode falar assim", disse Kashyapa ao Buda, "Se um leigo pode ser tão realizado, como podemos *não* acreditar que a *iluminação de todos os seres sencientes é possível*."

"Foi quando parei de dar os ensinamentos que levam apenas à autolibertação," disse Kashyapa, o que deve significar que a partir de então ele apenas ensinou o caminho que leva todos os seres sencientes à libertação.

"Quando Vimalakirti terminou de falar", disse Kashyapa, "ele tinha realmente esmagado meu orgulho. Não quero nem pensar em vê-lo novamente!"

## **Subhuti**

Outro personagem que aparece neste sutra é Subhuti. Muitos de nós já o conhecemos porque ele aparece em um bom número de outros sutras. Tenho a sensação de que ele era uma pessoa muito curiosa e obstinada em sua busca por conhecimento e sabedoria. Afinal, foi a conversa de Subhuti com o Buda que tornou-se o Vajracchedika Sutra.

Mesmo assim, quando o Buda pediu a Subhuti que visitasse Vaishali, ele se recusou, porque ele também teve um encontro perturbador com Vimalakirti.

Em contraste com os preconceitos atuais em relação aos mendigos, na antiga Índia e em grande parte da Ásia, pedir esmolas como monge era uma forma nobre de viver — uma maneira 'certa' de viver. O próprio Tathagata pedia comida, e há muitas histórias bonitas sobre as pessoas que ele conheceu enquanto pedia e como ele as ajudou, muitas vezes mudando todo o curso de suas vidas.

Em uma ocasião, o Tathagata insistiu em visitar a moradia precária de uma mulher indigente, que não tinha um único grão de arroz para comer. Quando o Buda aproximou-se dela segurando sua tigela de esmolas, como ela não tinha comida, ela se ofereceu para consertar um pequeno buraco que havia notado nas vestes dele. Nesse momento, de acordo com os sutras, a terra tremeu, um arco-íris encheu o céu, e Shariputra, que estava acompanhando o Buda naquele dia, sorriu um sorriso inusitadamente radiante. Mais tarde, quando seus colegas monges perguntaram a Shariputra o que o tinha deixado tão feliz, ele disse: "No céu Tushita, neste exato momento, os deuses estão construindo um palácio para aquela velha mulher. Ela irá para lá no momento que deixar esta Terra."

O que torna a história do encontro de Subhuti com Licchavi Vimalakirti ainda mais surpreendente.

No dia em que Subhuti visitou a casa de Vimalakirti para pedir esmolas, uma grande quantidade de comida deliciosa já havia sido preparada especialmente para ele.

Tudo o que Subhuti precisava fazer era esperar pacientemente na porta da cozinha enquanto Vimalakirti pessoalmente enchia sua tigela.

Enquanto Vimalakirti empilhava uma última colher, ele disse: "Agora, Subhuti, você só deve aceitar esta oferenda se tiver verdadeiramente compreendido que todos os fenômenos, samsara e nirvana, posses e qualidades iluminadas são iguais."

Vimalakirti era tão atrevido!

"Você só deve aceitar esta oferenda," continuou, "se você *não tiver* abandonado o desejo, a raiva e a ignorância, porém permanece imaculado por esses."

E isso não foi tudo.

"Você só deve aceitar esta oferenda se não for vítima dos fenômenos transitórios; se você não abandonou o apego, porém permanece imaculado por este; se você nunca ouviu falar das Quatro Nobres Verdades, mas nunca as violou; e se você nunca viu o Buda, nunca ouviu o Dharma e nunca venerou a Sangha...", e assim por diante.

Instantaneamente, Subhuti sentiu-se extremamente deprimido — tão deprimido que todas as dez direções ficaram escuras e sua tigela de esmolas escorregou de seus dedos para o chão. Ele tentou fugir, mas Vimalakirti o impediu.

"Subhuti, não tenha medo. Pegue a comida. Quero lhe fazer uma pergunta."

Vimalakirti era absolutamente implacável!

"Se o Tathagata tivesse dito o que acabei de dizer e se ele estivesse se dirigindo a um ser ilusório, esse ser ilusório teria ficado com medo? Claro que não! Porque ele era uma ilusão. Você não entende? Não apenas tudo o que eu disse era uma ilusão, mas eu não disse isso a ninguém! Minhas palavras eram ilusórias. Portanto, Subhuti, não há necessidade de ter medo de aceitar e comer esta comida, que é ela mesma uma ilusão."

Depois disso, assim como Maudgalyayana, Subhuti perdeu toda a confiança.

“Não posso encarar aquele ser sagrado novamente”, ele disse ao Buda. “De novo não. Por favor, não me envie.”

## Rahula

Rahula era o único filho do Buda. Mas quando solicitado a visitar Vimalakirti em nome de seu pai, até mesmo Rahula respeitosamente recusou.

Um dia, Rahula estava passando o tempo com uma multidão de jovens Licchavis. Os jovens sabiam bastante sobre Rahula e estavam curiosos para saber por que ele havia abandonado a vida de príncipe para tornar-se um monge.

“Você é o filho do Buda,” disseram. “Mas você também é um príncipe. Digamos, por que você abandonou sua vida real e todas as suas riquezas? Renunciar a toda essa riqueza é realmente uma coisa tão grandiosa de se fazer? Qual é o sentido?”

Aproveitando a oportunidade para explicar os benefícios da vida monástica, Rahula lhes disse como a vida de um monge simples o acalmava. Ser monge o fazia sentir-se à vontade, ele disse, e trazia consigo um tremendo senso de liberdade. Que tipo de liberdade, eles perguntaram? Ele não precisava mais trancar seus tesouros, disse Rahula, ou fazer inventários de seus bens domésticos, ou manter um extenso portfólio de propriedades, e muito mais.

De repente, Vimalakirti apareceu diante de Rahula, como se do nada, e prostrou-se.

“Rahula, ouça a si mesmo! Ouça o que você está dizendo sobre os benefícios de tornar-se um monge. Você realmente não deveria falar assim!”

“Por que não?” perguntou Rahula.

“Porque não há benefício em renunciar a palácios e riquezas. E não há benefício em se tornar um monge,” respondeu Vimalakirti.

Não penso que pessoas como nós possam realmente compreender o quão chocante essa afirmação deve ter sido. Especialmente vindo da boca do arquihedonista Vimalakirti, que encarnava a própria antítese da renúncia. Além disso, Vimalakirti estava se dirigindo a Rahula, o único filho do Senhor Buda e um Príncipe dos Shakyas — ele não era um monge comum. Ao renunciar à vida samsárica para seguir os ensinamentos de seu pai, Rahula havia dado as costas a uma riqueza e privilégio inimagináveis. Independentemente de onde e quando vivemos, tal sacrifício é digno do mais alto louvor e deve ser emulado.

Mas se examinarmos o que estava acontecendo mais de perto, fica claro que Vimalakirti não estava criticando Rahula por ser um monge. O que ele estava fazendo era examinar o chamado 'benefício' para descobrir precisamente o que ele significava, para que então pudesse desmantelá-lo.

'Beneficiar' implica que nós obtemos ou adquirimos algo. O problema é que ter que obter qualquer coisa sempre causa problemas. Se algo pode ser obtido, alcançado ou realizado, deve ser um fenômeno composto. Portanto, para ser um verdadeiro renunciante, devemos renunciar não apenas a todas as causas, mas também a todos os resultados, o que significa que devemos renunciar não apenas à vida mundana, mas também aos benefícios de se tornar um monge ou uma freira.

Uma discussão sobre renúncia quase sempre envolve falar sobre aversão, tentação e assim por diante. Não são apenas os budistas que valorizam esses princípios; muitas das religiões do mundo abraçam a ideia de renúncia e projetaram métodos para praticá-la de acordo com sua tradição. Isso sugere que a maioria das pessoas pensa que a tentação e o luxo são manifestações ruins, até mesmo diabólicas, das quais seria melhor livrar-se. O Budismo inclui ensinamentos semelhantes, mas eles são destinados àqueles de nós cuja capacidade de digerir novas ideias é fraca e que acham mais fácil mastigar os ensinamentos mais brandos. Por exemplo, para nos ajudar a esmagar o desejo, o apego, a tentação e assim por diante, nos é dito que o ouro e a prata são ruins. Monges são ensinados a lidar com seu desejo por garotas pensando no pus, sangue e fezes que compõem o corpo de uma garota; e é claro, o politicamente correto me obriga a ressaltar que as freiras devem pensar o mesmo sobre os garotos.

Mas esse não é o tipo de renúncia que Vimalakirti está falando aqui. Seu assunto é a renúncia absoluta. Se você acha que algo é bonito e desejável, seu desejo o ligará a isso; e exatamente a mesma coisa acontece quando você acha que é feio e o rejeita. Ambos os pensamentos criam a mesma quantidade de apego, e se você se apega, você não renunciou.

É por isso que Vimalakirti zomba de Rahula. Se você realmente quer renunciar ao samsara, ele diz, você deve primeiro saber que não há nada a renunciar. É como ganhar um bilhão de dólares em um sonho e imediatamente doar tudo para a caridade. Sua doação é um ato de generosidade? Sim, é, mas apenas no sonho. Você realmente doou um bilhão de dólares para a caridade? Não, porque nem o bilhão de dólares, nem a caridade jamais existiram. Este é o nível de renúncia sobre o qual Vimalakirti está falando aqui.

Em última análise, realizamos um ato genuíno de renúncia — ou penitência, ou austeridade — quando reconhecemos que aquilo a que estamos renunciando é como um sonho ou uma ilusão; sabendo disso, renunciamos às projeções ilusórias. Um bodisatva só será capaz de aperfeiçoar a renúncia quando souber a

verdadeira natureza daquilo a que renuncia. Ele então terá estabelecido a 'mente de renúncia'.

No Mahayana — no Sutra de Vimalakirti e em vários sutras semelhantes — tudo, até mesmo a iluminação, é dito ser um sonho ou uma ilusão. Mas Vimalakirti vai ainda mais longe. Ele diz que se houvesse algo além ou maior que a iluminação, isso também seria um sonho ou uma ilusão.

Mais uma vez, só posso especular sobre o que Vimalakirti realmente quer dizer, mas pode ser que se você tem um objetivo, se sua meta é beneficiar-se ou alcançar um resultado ou uma recompensa, você carece da verdadeira renúncia e, portanto, sua atividade não é uma prática genuína do Darma. Isso não quer dizer que ser um monge, como Rahula, era uma existência sem propósito, infrutífera ou sem sentido; o ponto aqui é que 'sem propósito' é o objetivo. Basicamente, se você não percebe que o objetivo de sua prática é uma ilusão — se você pensa que é real — e se suas aspirações e ações na busca desse objetivo são baseadas em uma visão errada, tudo o que você faz *não* é uma prática genuína do Darma.

Nos ensinamentos budistas, palavras como 'resultado', 'objetivo' ou 'perfeição' frequentemente aparecem e são escolhidas deliberadamente para pessoas como nós, que só conseguem mastigar comida mole e que amam a ideia de um resultado, de um saldo final, e especialmente, de produtividade.

## **Ananda**

Em seguida vem Ananda, outra figura enorme na história do Budismo. Ele era o primo do Buda e serviu como seu assistente pessoal por muitos anos. Ele também compilou a maioria dos ensinamentos do Buda; mais notoriamente, todos os sutras que começam com "Assim ouvi" — incluindo o Sutra Vimalakirti — que ele recitou de memória no primeiro concílio budista. No entanto, até mesmo Ananda estava relutante em visitar Vimalakirti.

Certo dia, como o Buda não estava se sentindo muito bem, seus médicos recomendaram que ele bebesse um pouco de leite. Ananda correu para a casa de uma família brâmane que ele sabia que ficaria mais do que feliz em fazer tal oferta e, enquanto esperava na porta da cozinha para que sua jarra fosse enchida, Vimalakirti de repente apareceu diante dele, como se do nada.

"Ananda", disse Vimalakirti. "O que você está fazendo aqui?"

"O Buda está doente. Não é sério, mas seus médicos dizem que devemos oferecer-lhe um pouco de leite. Então eu vim aqui para pegar um pouco."

"O que você está dizendo? Você não pode dizer isso!" exclamou Vimalakirti, horrorizado.

Em um ataque de pânico teatral — e, novamente, tenho a sensação de que este encontro pode ter sido encenado — Vimalakirti arrastou Ananda para um canto sombrio do pátio. Seus olhos moveram-se para a direita e para a esquerda, como um animal amedrontado. Havia alguém perto o suficiente para vê-los ou ouvi-los?

"Ananda, por favor, abaixe a voz!" murmurou Vimalakirti, enquanto agarrava as vestes de Ananda e inclinava-se desconfortavelmente perto de seu ouvido. "Você nunca, jamais pode dizer tais coisas!" A essa altura, seus olhos estavam esbugalhados. "O Buda é como um vajra, como ele poderia ficar doente? O Buda esmagou toda a não-virtude, como ele poderia ficar doente? É melhor você sair daqui agora mesmo! Vá! Seja rápido! Fique quieto! E não diga a ninguém o que você estava fazendo."

Imagine o quão perplexo Ananda deve ter ficado, enquanto estava de boca aberta observando Vimalakirti encenar sua cena.

"Você não vê, Ananda, como o escândalo poderia ser devastador? Se a notícia se espalhasse, você seria totalmente desgraçado."

Olhando com medo para o céu, Vimalakirti encolheu-se, como se tivesse acabado de perceber algo terrível.

"Argh! Os deuses são clarividentes. Você sabe disso, não sabe? Eles já sabem o que você estava pensando! Se os grandes bodisatvas ficarem sabendo disso, você nunca mais poderá mostrar seu rosto aqui!"

Vimalakirti empurrou Ananda ainda mais para a sombra, como se ele precisasse esconder-se.

"E quanto aos seguidores de todas as outras religiões? Se eles ouvirem o que você acabou de dizer, estamos todos perdidos! Você não entende? Eles dirão que se o Buda não consegue nem mesmo se curar de uma doença trivial, como ele poderia possivelmente cumprir sua aspiração de iluminar todos os seres sencientes? Ananda, você deve deixar este lugar! Vá! E certifique-se de que ninguém o veja."

Nesse ponto, é claro, Vimalakirti estava realmente exagerando. Mas ele também tinha razão. A natureza de "buda" não se encontra nos conceitos de "emoção", "tempo" e "fenômenos compostos". Ou, em outras palavras, a verdade absoluta que é buda, que não é conceitual, não pode ser expressa em palavras e está além das construções que rotulamos como "emoção", "tempo" e "fenômenos compostos". Portanto, era impossível para o Buda tanto adoecer, quanto recuperar-se.

Quando Vimalakirti explicou isso, Ananda percebeu que era verdade. O constrangimento o atingiu como um raio e foi tão insuportavelmente doloroso que ele imediatamente virou-se para fugir do pátio, mas foi impedido por uma voz misteriosa que ecoou do céu.

"Quando o Tathagata apareceu nesta terra para domar seres degenerados, ele assumiu a forma do Príncipe Siddhartha, filho de Shuddhodana e Mahamaya. Para dar aos seres a oportunidade de ajudá-lo, ele às vezes parecerá pálido, faminto ou sedento, e ao ajudá-lo, os seres sencientes acumularão mérito. Portanto, não há necessidade de envergonhar-se, Ananda. Pegue o leite e ofereça-o ao Buda."

"Mas," disse Ananda ao Buda, enquanto humildemente terminava sua história, "eu não ousou me aproximar de Vimalakirti novamente, meu Senhor. Ainda não..."

## **Maitreya**

Maitreya também estava presente no bosque das mangueiras. Mas quando o Buda pediu-lhe para ser seu emissário, até mesmo o futuro Buda mostrou-se relutante, pois ele também havia sofrido a indignidade de ser corrigido por Licchavi Vimalakirti.

Isso havia acontecido em um céu onde Maitreya, que ainda vivia como um ser celestial, estava ensinando a um grupo de deuses e deusas sobre não renascer mais no samsara — "não-retorno". Mais uma vez, como se surgisse do nada, Vimalakirti de repente apareceu diante dele.

"Pelo que ouço," disse Vimalakirti, "o Tathagata disse que você tornar-se-á o próximo Buda deste mundo. Isso é verdade?"

Ao fazer a declaração de que Maitreya renasceria como o Buda em sua próxima vida, o Tathagata estava confirmando a verdade de que todos os seres do samsara reencarnam. No entanto, aqui, Vimalakirti desconstrói sistematicamente e com extremo sucesso todo o conceito de reencarnação.

"O que está reencarnando?", ele perguntou, "Quem está reencarnando?" e "O ser reencarnado será o mesmo em sua próxima vida, ou diferente?"

"Shakyamuni profetizou que você, Maitreya, será o próximo Buda. Você sabe o que isso significa? Significa que *todos*, não apenas você, renascerão como um buda."

Esta é uma declaração de importância crucial, mas Vimalakirti não para por aí.

"Quando você alcançar a liberação absoluta, Maitreya, todos os seres sencientes também alcançarão a realização absoluta."

Aqueles de nós que já estão imersos no Budismo há algum tempo conhecem pelo menos uma oração que inclui a frase: "Que todos os seres sencientes alcancem a iluminação". Mas o que isso significa? Estamos orando pela paz mundial? Estamos desejando algo que não acreditamos que possa acontecer, mas oramos por isso porque achamos que é a coisa certa, ou até mesmo politicamente correta a se fazer? Ou o quê?

Alguém na Terra ousaria sugerir que a paz mundial é completamente impossível? Absolutamente não! No entanto, o objetivo de um futuro em que todos vivam juntos pacificamente é, infelizmente, cem por cento inatingível. Se for esse o caso, e a iluminação de todos os seres sencientes? É um objetivo tão inútil quanto a paz mundial? De jeito nenhum. A iluminação universal é cem por cento *alcançável*. A aspiração Mahayana de que todos os seres sencientes alcancem a iluminação não é simplesmente uma questão de boa vontade, ou uma mentalidade 'nós somos todos um, nós somos todos buda' de pensamento positivo. Nem é o tipo de aspiração que, no fundo, não podemos realmente acreditar. Não é nada disso.

Do ponto de vista absoluto, todos os fenômenos sempre foram puros. Eles, portanto, sempre foram desprovidos de falhas, impurezas e emoções negativas, todas as quais são temporárias. Em outras palavras, como as falhas e as impurezas são temporárias, elas nem chegam perto de ser a verdadeira natureza de todos os fenômenos. E é por isso que podemos ter confiança na crença de que todos os seres sencientes realmente podem tornar-se iluminados.

O que Vimalakirti diz a seguir também é extremamente importante, especialmente para nós. Quantos de nós pensam que, no mínimo, deveríamos aspirar a trabalhar duro e praticar o Dharma a fim de alcançar a iluminação? Provavelmente muitos. Mas pense sobre isso, o que significa 'iluminação'? No seu íntimo, o que você acha que a iluminação é? Você anseia pela iluminação porque pensa que seria como tirar umas férias inimaginavelmente longas? Uma pausa infinita durante a qual, finalmente, você não precisa marcar compromissos, ou sofrer a agitação do samsara? A sua ideia de iluminação é não ter ou não precisar fazer absolutamente nada?

O que Vimalakirti parece estar dizendo aqui é que as noções de que a iluminação é uma "travessia", um "descarte", um "fim" ou "passar pela jornada do samsara" estão erradas. É igualmente errado imaginar que nossa conquista final é

um estado iluminado chamado nirvana. Tudo é e sempre foi, desde o começo sem começo, puro, imaculado e além da dualidade. Portanto, pensar que precisamos iluminar ou purificar qualquer pessoa ou coisa não poderia estar mais errado. E se Maitreya está dizendo algo diferente, diz Vimalakirti...

"...você está enganando esses seres divinos! Não faça isso! Não deixe esses jovens deuses e deusas com a impressão de que a iluminação é umas férias sem fim..." em Goa ou no Havaí... "Não é! E de qualquer forma, nenhum bodisatva genuíno desejaria alcançar esse tipo de iluminação, porque nenhum bodisatva genuíno gostaria de passar a eternidade sem fazer nada."

Acho que ele está certo. Basta imaginar tirar doze anos de férias no Havaí. Pergunte a si mesmo, quantas vezes você poderia caminhar na Praia de Waikiki antes de ficar entediado? Quantas vezes você poderia comprar óculos de sol com entusiasmo? Quantas marcas diferentes de protetor solar poderiam te empolgar? Então, quanto tempo levaria para que não fazer nada no Havaí por doze longos anos se tornasse um pesadelo? É por isso que Vimalakirti continuou dizendo: "Você não deveria apresentar a iluminação como o destino final. Não engane esses jovens divinos dizendo isso!"

"A liberação não é apenas sobre libertar seu corpo ou sua mente; a liberação é estar livre de todas as referências, marcas ou sinais.

"A iluminação é não ter referências de forma alguma; está além da referência.

"A iluminação não pode ser definida pela mente subjetiva.

"A iluminação não pode ser fabricada, criada ou inventada.

"A iluminação não é uma ilusão.

"A iluminação não é o subproduto de esperanças ou desejos.

"A iluminação está além de todas as visões.

"A iluminação não pode ser desejada – como você pode desejar a liberação?

"A iluminação não é nem abandonar, nem adotar; está além do apego e da fixação.

*"A iluminação não é outra coisa senão saber que tudo é igual."*

Lembre-se de que essa conversa aconteceu há dois mil e quinhentos anos à sombra de um bosque de mangueiras. Mesmo hoje, com todas as ferramentas, eruditos, bibliotecas e bolsas de pesquisa que temos ao nosso alcance, ainda estamos lutando para entender essa visão incrivelmente ousada, revolucionária, e

audaciosa que ele propôs, um texto deliberadamente auto-refutável que ridiculariza suas próprias teorias e ri do seu próprio dogma.

Por que auto-refutável? Sempre que palavras são usadas, somos instantaneamente arrastados para o mundo de referências, rótulos e conceitos; mas a iluminação — que, notoriamente, está além de tudo isso e, portanto, é impossível de ser compreendida intelectualmente, conceitualmente ou referencialmente — não pode ser descrita em palavras. Como você pode ver, o escrutínio de Vimalakirti sobre os ensinamentos era de um padrão excepcionalmente elevado, e não se pode ser mais objetivo do que isso.

## Jagatindhara

Em seguida, o Buda pediu ao famoso monge puro Jagatindhara que visitasse Vimalakirti em seu nome. Mas como Jagatindhara havia se envolvido em uma situação com Vimalakirti e algumas garotas de beleza impressionante, da qual ele sentia um constrangimento excruciante, ele não quis ir.

Um dia, Jagatindhara estava ensinando em seu quarto quando, sem aviso, o Senhor dos Deuses, Indra, entrou, seguido por uma comitiva de garotas voluptuosas.

"Pelo menos ele *parecia* Indra", disse Jagatindhara. "E quem mais traria tantas deusas bonitas com ele?"

Indra é um dos maiores patronos e protetores do Dharma do Buda. Ele sempre esteve de guarda sobre os ensinamentos do Buda e, até hoje, zela pelos seguidores do Buda com solicitude inabalável.

"Na verdade, quando vi quantas deusas seguiam o Senhor Indra para dentro do quarto, senti-me na obrigação de alertá-lo contra a tentação", continuou Jagatindhara. "Faça sua vida valer a pena, eu disse. Use seu corpo precioso de forma significativa. Não seja muito ganancioso. Lembre-se da impermanência."

Acho que Jagatindhara estava sendo um pouco previsível aqui. Quem entre nós não esperaria que um monge bom, preocupado e compassivo desse uma lição a um sensualista? Mas o que aconteceu a seguir foi tudo, menos previsível. Para o espanto de Jagatindhara, no momento em que ele terminou de falar, Indra lhe ofereceu todas as suas garotas.

"Como você pode sequer pensar em fazer uma coisa dessas?", respondeu Jagatindhara. "Eu sou um monge! Você, mais que todo mundo, deve saber que os filhos dos Shakyas são celibatários!"

Shakya era o sobrenome da família do Buda e, após fazerem votos monásticos, monges e monjas eram considerados filhos ou filhas dos Shakyas. Não importava se a pessoa havia nascido na família de um sapateiro, gângster, ou de uma casta inferior — não importava qual fosse sua linhagem sanguínea ou casta original — uma vez que tornavam-se monásticos, passavam a pertencer à família do Buda, os Shakyas.

"Oferecer até mesmo uma garota a um monge é absolutamente ofensivo!", continuou Jagatindhara, profundamente ofendido. "Mas você me ofereceu uma multidão!"

Enquanto discutiam os prós e contras de tal oferta, de repente, como se do nada, Vimalakirti irrompeu na sala.

"Jagatindhara, o que você está fazendo? Como você pôde confundir essa criatura com o Senhor dos Deuses? Abra seus olhos! Não consegue ver que é Mara, o Senhor da Ilusão..." — o Diabo, Satanás, o maligno, o Enganador, como você quiser chamá-lo — "Ele está disfarçado porque suas intenções são te enganar. E você caiu nessa!"

Mara é chamado de 'Senhor da Ilusão' porque ele pode disfarçar-se de qualquer pessoa ou coisa. Ele também tem a habilidade de desaparecer à vontade.

"E você", gritou Vimalakirti, virando-se para Mara. "Como você pode sequer pensar em dar todas essas garotas a um monge? Para que ele precisa de garotas?"

Vimalakirti então respirou fundo.

"Então, quer saber de uma coisa?", ele disse. "Por que você não as dá para mim?"

Nesse momento, o único pensamento na cabeça de Mara era como escapar — esse Licchavi realmente o aterrorizava e ele estava desesperado para desaparecer e ficar o mais longe possível de Vimalakirti. Mas como Vimalakirti era imensuravelmente mais forte, ele facilmente superou as habilidades mágicas de Mara e este ficou preso.

Enquanto encolhia-se diante de Vimalakirti, uma voz do céu ecoou: "Você deve oferecer suas garotas a Vimalakirti. Até que o faça, não conseguirá desaparecer."

Mara instantaneamente fez a oferta e Vimalakirti aceitou cada uma de suas belas garotas — que na verdade não eram deusas, mas demônias.

"Agora que vocês são todas minhas", disse Vimalakirti, "a primeira coisa que devem fazer é o voto de bodisatva."

Quando fazemos o voto de bodisatva, prometemos não apenas não prejudicar outros seres, mas ajudá-los ativamente. E não ajudar de uma forma mesquinha ou trivial; prometemos ajudá-los a entender a verdade. Este é o voto que Vimalakirti fez todas as demônias fazerem.

Enquanto isso, Jagatindhara sentia-se miserável com a facilidade com que Mara o havia enganado. Também suspeito que ele havia sucumbido instantaneamente a uma paixão por pelo menos uma das garotas e estava aplicando todos os métodos que conseguia para resistir a ela. (Apenas Mara poderia invocar tentações tão irresistíveis). Além de tudo, Jagatindhara tinha acabado de testemunhar a facilidade com que Vimalakirti, mais do que ninguém, havia lidado com Mara. A lendária e desenfreada autoconsciência de Vimalakirti deveria tê-lo tornado a vítima ideal de Mara, mas Vimalakirti tinha zombado tanto de Mara quanto de seus métodos diabólicos. Então, no geral, Jagatindhara devia estar sentindo-se extremamente desconfortável.

"Agora que vocês fizeram o voto de bodisatva", disse Vimalakirti às garotas, "A única coisa que vocês têm permissão para almejar é a Alegria Suprema. Isso significa que vocês não podem mais desejar a felicidade mundana."

"O que é essa 'única' coisa que devemos almejar?", perguntaram as garotas. "O que é 'Alegria Suprema'?"

"Alegria Suprema é admirar e adorar o Buda", respondeu Vimalakirti.

"Alegria Suprema é admirar e adorar o Dharma, e ansiar por ouvir as palavras do Dharma.

"Alegria Suprema é admirar, prestar homenagem e servir à Sangha.

"Alegria Suprema é esmagar seu próprio ego e orgulho.

"Alegria Suprema é não se deixar levar ou ficar preso a objetos de prazer.

"Alegria Suprema é ver todos os cinco agregados como açougueiros terríveis.

"Alegria Suprema é ver que todos os seus elementos são completamente imprevisíveis, como cobras temperamentais.

"Alegria Suprema é ver todos os seus sentidos e percepções sensoriais como cidades vazias.

"Alegria Suprema é sempre valorizar a bodicita.

“Alegria Suprema é ansiar por ajudar os outros, aspirar a ser generoso, e a alegria de praticar disciplina, paciência, diligência, concentração focada e sabedoria pura.

“Alegria Suprema é ter entusiasmo em conviver com aqueles que compartilham das mesmas visões que você – visões como, ‘todas as coisas compostas são impermanentes’, ‘todas as emoções são dor’, etc.

“Alegria Suprema é não desprezar aqueles que não compartilham da sua visão, mas ser paciente, tolerante e ter a mente aberta.

“Alegria Suprema é prestar homenagem e reverenciar o Guru.

“Alegria Suprema é desapegar-se de amigos que exercem uma má influência sobre você.”

“Alegria Suprema é o desejo de praticar o Dharma.”

E muito mais — deve ter levado um bom tempo para Vimalakirti terminar a lista inteira. No momento que ele terminou, Mara, o ex-chefe das garotas, disse: “Vamos para casa.”

“Mas você acabou de nos dar. Você nos deu a ele!”, protestaram as garotas. “E ele diz que não temos permissão para gostar das coisas de que costumávamos gostar. Agora temos que gostar de outras coisas!”

“Ei você!”, disse Mara, virando-se para Vimalakirti. “Você não deveria ser um bodisatva? Você não deveria ter nenhum apego? Não se espera que você seja capaz de abrir mão de tudo? Vamos ver você fazer isso. Abra mão dessas garotas. Abra mão delas agora mesmo! Ou você não consegue as largar agora que as tem?”

“OK...” disse Vimalakirti, sorrindo levemente. “Vou deixá-las ir. E a propósito, é hora de você e sua comitiva voltarem de onde vieram.”

As garotas não gostaram nem um pouco dessa ideia e confrontaram Vimalakirti imediatamente.

“Foi você que nos fez fazer o voto de bodisatva! Foi você que nos disse que deveríamos gostar disso e não gostar daquilo. No entanto, é você que agora está nos enviando de volta para o mundo de Mara, onde é escuro, pecaminoso e degenerado. Como vamos lidar com isso?”

E agora, a reviravolta inesperada...

“Garotas”, disse Vimalakirti, pacificamente. “Vocês devem investir todo o seu tempo e energia na ‘Lâmpada Inesgotável do Dharma’. O que é isso? Assim como cem mil lâmpadas podem ser acesas a partir de uma única vela sem que sua luz

diminua, um bodisatva pode acender a bodicita em centenas de milhares de seres sencientes sem de forma alguma diminuir a sua própria bodicita.”

Essa foi a maneira de Vimalakirti dizer às garotas que elas não precisavam se preocupar em manchar suas qualidades recém-descobertas. Ao voltarem com Mara, elas seriam de muito maior benefício para os seres sencientes do que se ficassem com Vimalakirti.

Então ele fez sua grande jogada.

“Voltem para a Terra de Mara. Acendam a Lâmpada do Dharma, e ao fazerem isso, o Dharma tornar-se-á inesgotável em todos os lugares mais improváveis.”

O que Vimalakirti parece estar dizendo aqui é que, em vez de evitar lugares sórdidos, pecaminosos, materialistas e profanos, o dever de um bodisatva é fazer da visita a eles uma prioridade.

Jagatindhara havia testemunhado tudo isso e a supremacia de Vimalakirti o envergonhou.

“... por isso que eu não quero ir para Vaishali”, disse ele ao Senhor Buda. “Tremo só de pensar em ver Vimalakirti novamente. Por favor, não me envie.”

## **Suddata**

Os sutras dizem-nos que os indianos ricos adoravam fazer oferendas luxuosas a seus mestres espirituais, como cobrir campos inteiros com ouro. Mesmo hoje, famílias indianas de posses continuam a manter a tradição de fazer oferendas regulares e generosas a monges, monjas e àqueles que renunciam à vida mundana para seguir um caminho espiritual.

Suddata era um monge, um bodisatva, filho de um mercador extravagantemente rico, e a próxima escolha do Buda como emissário. Suddata visitaria Vaishali em seu nome? Mas a lembrança do próprio encontro de Suddata com Vimalakirti ainda estava muito fresca em sua mente e ele, também, implorou para ser dispensado. “Por favor, Senhor Buda, não me faça ir.”

Suddata estava fazendo enormes oferendas a um número colossal de pessoas, quando de repente, como se do nada, Vimalakirti apareceu diante dele.

“O que você está fazendo, Suddata!”, exclamou Vimalakirti. “Você realmente considera essas oferendas insignificantes de alguma forma generosas? É esta a totalidade da sua suposta generosidade? É? Bem, não é generosidade genuína,

então qual é o propósito? O que você deveria estar oferecendo a essas pessoas é a 'verdade' — essa é a suprema forma de generosidade. Você também deveria estar oferecendo amor, compaixão, alegria, equanimidade e tudo mais..."

Suddata ficou extremamente impressionado. Tenho a sensação de que ele era particularmente receptivo, porque nos é dito que ele ficou tão comovido com as palavras de Vimalakirti que reuniu todas as joias que possuía — pérolas, diamantes, ouro, tudo — e ofereceu tudo a Vimalakirti. A princípio, Vimalakirti não aceitou nada.

"Por favor, aceite o que ofereço", disse Suddata, "e faça o que quiser com isso."

Eventualmente, Vimalakirti aceitou tudo, então escolheu um colar inestimável de pérolas enormes, cortou-o ao meio e ofereceu uma metade aos budas e a outra metade aos mendigos mais desprezados da cidade. Tendo oferecido exatamente o mesmo número de pérolas tanto aos budas quanto aos mendigos, ele fez um longo discurso sobre campos de mérito.

Esta é outra lição muito importante. Tendemos a imaginar que 'acumular mérito' significa fazer oferendas aos budas e aos seres sublimes. Mas aqui, Vimalakirti afirma de forma inconfundível que os seres sencientes são um campo de mérito tão importante quanto os budas.

## **Manjusri**

O Buda agora virou-se para Manjusri. Seria ele o emissário do Buda? Ele visitaria Vaishali para saber como Vimalakirti estava? E para a surpresa de todos, Manjusri concordou imediatamente.

"Vimalakirti? Sim, irei. Esse homem é tão realizado!" Ele então passou a tecer longos elogios a Vimalakirti.

Vimalakirti é um ser excepcional, disse Manjusri. Ele sabe exatamente como outra pessoa experimenta seus sentidos. Ele vê o que ela vê, ouve o que ela ouve, sente o gosto do que ela sente, e assim por diante — o que, se você pensar bem, é algo bastante notável. O restante de nós só pode imaginar o sabor do macarrão ou do frango ao curry na boca de outra pessoa, mesmo quando essa pessoa está sentada bem na nossa frente, e o sabor que imaginamos é inteiramente baseado no macarrão ou no frango ao curry que nós mesmos provamos no passado. Vimalakirti, por outro lado, pode experimentar o que a outra pessoa provou através dos sentidos *dela*, sem qualquer referência aos seus próprios.

O fato de Manjusri admirar Vimalakirti por tais qualidades foi de fato um grande elogio e demonstrou que, longe de ser um simples empresário, Vimalakirti não era apenas um ser sublime, mas um ser excepcionalmente realizado. Pessoas como nós, que afirmam entender como os outros se sentem, só podemos basear nossa compreensão projetada no que nós mesmos experimentamos. Em outras palavras, nunca sabemos verdadeiramente como é nos colocar no lugar de outra pessoa; apenas calçamos nossos próprios sapatos e fingimos que são os da outra pessoa. Somente um ser muito realizado — como Vimalakirti, ou Manjusri, nesse caso — pode sentir o gosto como outro sente, ver através dos olhos do outro e sentir o cheiro como o outro sente, sem ter que depender de seus próprios termos de referência limitados e incompletos.

Não é difícil imaginar o quão entusiasmados e empolgados todos no bosque das mangueiras sentiram-se quando Manjusri concordou em visitar Vimalakirti. Ou quão determinados eles estavam a segui-lo até Vaishali para testemunhar o que prometia ser um encontro histórico imensamente significativo – o tipo de excitação que filósofos poderiam sentir diante da perspectiva de Lao Tsé encontrando-se com Aristóteles, ou de Karl Marx aparecendo em um talk show com Chuang Tzu.

No momento que Manjusri concordou em visitá-lo, Vimalakirti, que supostamente ainda estava doente na cama, soube instantaneamente que ele estava a caminho. Ele também sabia que Manjusri seria acompanhado por uma multidão grande e curiosa.

“Manjusri está vindo”, pensou Vimalakirti, “então devo deixar minha casa vazia.” Instantaneamente, as pessoas, móveis, tapetes, sofás e cadeiras desapareceram – outro detalhe importante – deixando o palácio vazio, exceto pela cama em que Vimalakirti estava deitado. Era como esvaziar todos os setecentos e setenta e cinco cômodos do Palácio de Buckingham, e deixar uma única cama no meio de um dos cômodos com a Rainha deitada nela. Como os servos, atendentes e guarda-costas de Vimalakirti também desapareceram junto com os móveis, não havia ninguém para cumprimentar Manjusri e sua comitiva quando eles chegaram aos portões do palácio. Tudo o que encontraram foi um palácio grande e vazio, e Vimalakirti.

Manjusri cumprimentou Vimalakirti educadamente e depois perguntou sobre sua saúde, fazendo todas as perguntas habituais. “Como você está? Quando você adoeceu? O que exatamente há de errado com você?” E assim por diante.

A princípio, esta conversa sobre a doença parece ser bastante comum, mas as respostas surpreendentemente brilhantes de Vimalakirti torna-a filosoficamente inovadora.

“Seus médicos disseram quando você começará a sentir-se melhor?”, perguntou Manjusri.

“Não acho que vou melhorar nunca”, disse Vimalakirti. “Porque enquanto houver desejo e apego, haverá existência.”

É claro, pessoas como você e eu não somos capazes de entender uma única palavra que esses dois ilustres bodisatvas disseram naquele dia. Nossas mentes são muito rasas, insensíveis e preconceituosas para entender a profundidade e a agudeza de mentes tão grandiosas. Mas quando Vimalakirti disse ‘existência’, ele poderia estar referindo-se ao samsara – que é tudo o que está preso pelo tempo e pelo espaço, direção e quantidade. Se temos um apego, esse apego nos faz projetar, e essa projeção é o que chamamos de ‘existência’. O chamado ‘samsara’ é, portanto, nada mais do que a própria existência. O famoso aforismo de Descartes, “Penso, logo existo”, sugere algo semelhante, mas a declaração de Vimalakirti abrange muito mais. Ele parece estar dizendo que enquanto houver desejo, haverá existência samsárica; e enquanto houver seres samsáricos, eu, Vimalakirti, permanecerei doente. Ou, enquanto houver existência, também haverá samsara; e enquanto houver samsara, continuaremos a imaginar que há compaixão pelos seres samsáricos.

Vimalakirti continuou dizendo: “Quando todos os seres sencientes estiverem livres de todas as doenças...” — ou quando os seres sencientes estiverem livres de criar distinções, que é outra forma de descrever a liberação absoluta — “...só então eu, Vimalakirti, estarei livre da doença de sujeito e objeto.”

Que coisa para se dizer! Que assunto para se discutir! E lembre-se, ele estava respondendo a uma pergunta feita puramente por cortesia. No entanto, ela desencadeou um dos ensinamentos mais cativantes no Sutra de Vimalakirti.

“Como você pegou essa doença?”

“A compaixão me deixou doente”, respondeu Vimalakirti. “Os bodisatvas ficam doentes por causa da compaixão.”

Outra resposta sensacional!

Foi então que Manjusri notou que o palácio estava completamente vazio.

“O que aconteceu? Por que sua casa está vazia? Onde estão todos? Por que você não tem uma enfermeira?”

“Os campos búdicos estão sempre vazios”, respondeu Vimalakirti.

“Vazios de quê?”, perguntou Manjusri.

“Vazios de vacuidade.”

“Como a ‘vacuidade’ pode ser ‘vazia’?”

“Ser ‘vazio de vacuidade’ é pensar que ‘a vacuidade é vacuidade’ e ser vazio disso.”

Vimalakirti não demorou para ir direto ao ponto! Ele estava dizendo que ser ‘vazio de vacuidade’ é estar além da distinção entre ‘vazio’ e ‘cheio’? Estar vazio de conceitos? É o que parece para mim.

“Onde está a vacuidade?”, perguntou Manjusri.

“Você a encontrará nas sessenta e duas visões erradas<sup>2</sup>”, respondeu Vimalakirti.

Que resposta fantástica! E um excelente ponto. Muitos seguidores do Dharma do Buda, especialmente do Mahayana, teriam esperado que a resposta para ‘Onde está a vacuidade?’ ou ‘O que é a vacuidade?’ fosse ‘A vacuidade é o ensinamento supremo do Buda. A vacuidade é encontrada nos sutras mais elevados, como o Sutra da Prajnaparamita...’ e assim por diante. Mas, em vez disso, Vimalakirti disse que a vacuidade é encontrada não nas visões corretas, mas nas visões erradas. Todos nós deveríamos anotar isso.

“De onde vêm essas sessenta e duas visões erradas?”, perguntou Manjusri.

Obviamente, entender qualquer parte desta troca é extremamente difícil, muito menos tentar descrever o que Vimalakirti disse em seguida. Se eu tivesse entendido, mesmo em um nível intelectual, o que Manjusri e Vimalakirti discutem neste sutra, ou nas muitas outras conversas sobre este assunto que foram registradas, minha percepção do mundo samsárico seria pouco mais do que sombras. Ou uma bolha. Ou um jogo de faz de conta. Ou um brinquedo. Mas eu não entendi nada disso, em nenhum nível. Quando pessoas como você e eu olhamos, vemos, ouvimos e provamos, nossa experiência não é a de uma bolha, ou um sonho, ou um brinquedo; nossa experiência é tangível, concreta, sólida e muito substancial.

“As sessenta e duas visões erradas surgem como uma manifestação, vibração, tonalidade, ou humor que reflete a qualidade da Tathagatagarbha, a natureza de buda”, respondeu Vimalakirti.

Uma afirmação chocante na melhor das hipóteses. Mas particularmente escandalosa para aqueles de nós que tendem ao puritanismo, moralismo e dualismo, e cujo forte hábito é julgar o certo do errado. Pessoas como nós sempre esperamos que as visões erradas rastejem para fora dos fossos sujos ou masmorras fedorentas. Mas parece que Vimalakirti está dizendo a Manjusri que a fonte de todas as visões erradas é encontrada no que consideramos sublime. Essa sua declaração foi citada muitas vezes nos ensinamentos do Vajrayana. Mesmo

assim, é uma noção praticamente incompreensível para seres dualistas como nós. É como se nos tivessem dito que a fonte da escuridão é a luz. Mas pensando bem, a escuridão e a luz não são uma justaposição natural? A escuridão não existe apenas quando comparada com a luz, e vice-versa? Não pode haver apenas escuridão, pode? Nem pode haver apenas luz. Se a escuridão e as sombras não nascessem da luz, ou a luz não nascesse da sombra, como os fotógrafos poderiam fazer sua mágica?

Ao mesmo tempo, tenho a sensação de que esta conversa não é apenas sobre o surgimento dependente de luz e sombra – que por si só é mistificante, especialmente quando você ouve falar sobre isso pela primeira vez. Não, esta conversa é sobre muito mais do que isso. É como desenterrar algo, acreditar que é uma rocha, e depois descobrir que na verdade é um diamante. Fui informado que o diamante Koh-i-Noor não foi lapidado e polido até bem tarde em sua história, mas sempre foi um diamante. Se você o tivesse visto antes de ser lapidado e pensasse que era apenas mais uma rocha feia, isso seria uma visão errada. Agora que ele foi lapidado, é fácil reconhecê-lo – é um dos diamantes mais famosos do mundo – até hoje, Índia e Paquistão reclamam sobre como os britânicos o roubaram dos sikhs no século XIX. Mas o ponto aqui é que, independentemente de sua aparência antes de ser cortado e polido, ele ainda era o famoso diamante Koh-i-Noor, e era um diamante muito antes de ser chamado de Koh-i-Noor. Portanto, ter presumido que era apenas um pedaço de rocha teria sido uma visão errada.

“Onde estão seus atendentes?”, perguntou Manjusri. “Por que não há ninguém aqui para ajudá-lo?”

“Os demônios e aqueles que me perturbam são meus atendentes”, respondeu Vimalakirti.

Lembre-se, a doença de Vimalakirti e seus sintomas são detalhes importantes, pois toda essa conversa foi desencadeada por uma comoção em um bosque de mangueiras sobre quem visitaria um homem que supostamente estava doente.

Novamente, é uma luta tentar entender as profundas percepções que esses dois bodisatvas superlativos continuam a apresentar, mas parece-me que eles chegam à conclusão de que estar doente é acreditar em um eu. Você está doente se se apega à ideia de um eu, e você está doente se você imagina que esse eu é verdadeiro, presente e vivo. ‘Eu’ é, é claro, uma referência; mas por mais forte e teimosa que essa referência possa parecer a princípio, quanto mais de perto você a examina, menos distinta ela se torna. No entanto, nossa constante referência ao eu é a fonte de todas as nossas outras referências, e tendo estabelecido um eu, muitas outras designações jorram — outros, meu, deles, bom, ruim, feio, certo, errado, doador, receptor, vítima, predador, céu, terra, inferno, samsara, nirvana,

moral, imoral, homens, mulheres — cada uma das quais tentamos desesperadamente nos prender. Em algumas nos prendemos porque pensamos que são boas, outras tentamos afastar ou eliminar completamente porque parecem ruins ou perigosas, ou não confiáveis. Ao examinar tudo para julgar se é digno ou indigno de nós, acabamos nos prendendo tanto ao bom quanto ao ruim de forma cada vez mais firme.

Do ponto de vista desses dois bodisatvas, nossa tendência a prender é realmente a doença. Só estamos saudáveis, bem e fortes quando não temos pontos de referência. Embora queiramos curar nossas doenças aplicando o remédio de um caminho espiritual — ou seja, as práticas de generosidade, paciência, concentração focada e assim por diante — como esse caminho tem o objetivo da iluminação, é apenas outra forma de doença. Portanto, no que diz respeito a Manjusri e Vimalakirti, o que quer que pratiquemos nesse caminho — mesmo a meditação — também é uma doença.

Eles vão ainda mais fundo, dizendo que se pensamos que temos algo que precisa ser extraído, deletado ou purificado — como desejo, raiva ou ciúme — o simples fato de acharmos que precisamos nos livrar disso é, por si só, uma doença. Assim como é uma doença imaginar que há algo que devemos adotar, alcançar, adquirir ou acumular, como o nirvana ou a iluminação. Ou a compaixão subjetiva e objetiva de acreditar que existe um "eu" que sente compaixão e seres sencientes para os quais sentir compaixão.

Basicamente *tudo* é uma doença ou aflição. Uma referência, um movimento e um fluxo de pensamento são todos doenças porque nos desviam da verdade. Imaginar que existe tal coisa como uma enfermidade também é uma doença; e o mesmo ocorre com a ideia de que existe um remédio ou uma cura. O que torna o anseio pela liberação uma doença, porque é o resultado de acreditar que você está preso ao samsara e que o que o prende está impedindo sua liberação.

Todas as nossas referências são doenças; são como vírus, 'vírus de enfermidade'. Mas de todas as enfermidades que existem no samsara, duas requerem nossa atenção particular: a referência à 'liberação' e a referência à 'sujeição'.

## **Liberação e Sujeição**

O que queremos dizer com 'liberação' e 'sujeição'? Um dos ensinamentos fundamentais no Mahayana é que o fundamento é a vacuidade, o caminho não tem características e o resultado está além da aspiração. Com base nesse ensinamento, se um bodisatva acredita na liberação e pensa que pode aspirar por

essa liberação, sua crença em um resultado é uma forma de sujeição. Mas se esse bodisatva então entra no samsara munido de métodos hábeis, como a compaixão, motivada pelo desejo de libertar os seres sencientes, o resultado é a liberação. É isso que Vimalakirti quis dizer quando afirmou que, se a meditação de um bodisatva é livre de distração, mas carece de sabedoria, é 'sujeição'.

Então, um bodisatva está doente se medita; e se sua meditação é livre de distração, mas carece de sabedoria, ele piora — na verdade, é quando o bodisatva fica realmente doente. De modo semelhante, o tipo de permanência calma, não-distraída e unifocada que os praticantes modernos de vipassana tanto valorizam também é uma doença fundamental.

Um bodisatva só estará livre da doença se puder saborear a sua meditação — por exemplo, através da prática do permanecer calmo. Mas em vez de contentar-se com um estado de calma, se ele conhece os métodos hábeis necessários para transcender e desfazer essa calma — superar a sobrecarga com a capacidade de concentrar-se — então o bodisatva será liberado.

Se um bodisatva tem sabedoria, mas essa sabedoria é desprovida de quaisquer métodos hábeis — em outras palavras, se sua sabedoria carece de compaixão — é uma doença. Mas ele será liberado se sua sabedoria for acompanhada por métodos hábeis.

Como um bodisatva torna-se atado, constrangido ou escravizado pelos métodos hábeis que carecem de sabedoria? O que causa esse tipo de sujeição?

Vimalakirti diz que todas as visões, emoções, propensões e ações virtuosas que não foram dedicadas à iluminação de todos os seres sencientes aprisionarão um bodisatva. Como um bodisatva atinge a liberação usando métodos hábeis acompanhados de sabedoria? Dedicando tudo à iluminação de todos os seres sencientes.

Que ótima maneira de praticar o não-apego! Nem é preciso dizer que devemos ter como objetivo não ter apego a posses, fama, família ou até mesmo ao nosso próprio eu. No entanto, Vimalakirti parece estar indicando que há algo além de tudo isso. Não ter apego ao caminho, ele diz, o libertará de todas as outras formas de sujeição. Uau! Mas não é possível desenvolver esse tipo de habilidade apenas quando você já é um praticante espiritual bastante poderoso e maduro? Bem, não. Vimalakirti e Manjusri sugerem exatamente o oposto. Mesmo alguém tão comum quanto eu, pode e deve começar a praticar o sentimento de não-apego nem pelo caminho, nem pelo resultado. E todos nós devemos adquirir o hábito de sempre dedicar nossa prática à iluminação de todos os seres sencientes.

Imagine que você tivesse a oportunidade de testemunhar uma conversa entre Platão e Lao Tsé; imagine que, como filósofo, você tivesse a capacidade de

apreciar suas percepções e estivesse extremamente ansioso para aprender com eles. Depois que tudo acabasse, você não iria querer se gabar de sua experiência e mostrar o que aprendeu? Você não se lembraria o máximo que pudesse do que esses dois pensadores disseram sobre direitos humanos, destino, predestinação, livre-arbítrio e assim por diante? É assim que me sinto em relação a essa conversa entre Vimalakirti e Manjusri. A diferença é, no entanto, que o que eles conversaram era muito mais profundo do que mera ontologia.

Na verdade, o que eu deveria fazer é simplesmente ler e contemplar as conversas apresentadas neste sutra. Só isso já me faria muito bem. Ainda melhor seria se eu não as contemplasse de forma alguma, mas apenas lesse suas palavras com uma mente completamente aberta, sem fazer suposições ou abrigar expectativas. Se eu pudesse simplesmente pular para dentro do texto, sem um momento de hesitação e com devoção de todo o coração, eu seria rapidamente liberado do fardo da confiança e da dúvida. Eu poderia colher ainda mais benefícios simplesmente colocando o texto do Sutra de Vimalakirti em uma prateleira alta em meu quarto, oferecendo velas, flores, incenso e comida, e então venerando-o como a conversa mais profunda que já aconteceu nesta Terra. Fazer isso elevaria minha compreensão deste texto a um nível inteiramente diferente. Mas olhe para mim! Estou dividido entre querer aumentar meu conhecimento e fazer anotações extensas, por um lado, e por outro, querer gabar-me desses dois gigantes espirituais e impressioná-lo com citações de suas conversas — é por isso que estou escrevendo este prefácio. Ao mesmo tempo, minha própria incapacidade de entender nem mesmo uma fração de sua discussão torna-me humilde.

## **Shariputra**

Enquanto Vimalakirti e Manjusri conversavam, Shariputra examinou o cômodo vazio.

“Não há cadeiras aqui. Nem mesmo tapetes”, ele pensou. “Esses grandes bodisatvas, arhats e dignitários caminharam até Vaishali para visitar este mercador, mas não há lugar para eles se sentarem. Onde estão todas as suas cadeiras?”

Lendo sua mente instantaneamente, Vimalakirti disse: “Ei, Shariputra, você veio aqui pelo Dharma, ou para sentar-se em uma cadeira?”

Para ser honesto, Shariputra não se importava nem um pouco com onde sentar-se-ia. Mas como a discussão que se seguiu sobre ‘assentos’ e o desejo de sentar-se é tão importante, as bênçãos do Buda, mais uma vez, devem ter colocado o pensamento na mente de Shariputra — esses seres incomparáveis não perdiam seu tempo com trivialidades. Cadeiras ou assentos de qualquer tipo são sobre o

anseio de fazer um lar em algum lugar, de habitar ou de aninhar; são sobre tirar o peso dos pés, ocupar território, ficar ocioso e não se mover. Tudo isso é significativo porque a discussão agora toca no assunto do ‘alaya’.

Quando nos comportamos mal, se não nos redimimos, sofreremos as consequências; quando nos comportamos bem, colhemos os benefícios. Mas até que um dos resultados manifeste-se, para onde vai o poder dessas causas e condições? Onde é armazenado? Onde habita? Onde está o seu ‘assento’? Deve estar em algum lugar.

Nesta conversa, um ‘assento’ representa referências, bases ou fundamentos, e o que é transportado de uma vida para a próxima. Basicamente, trata-se da continuidade do carma.

Hoje em dia, até mesmo a ciência percebeu que um ladrão que foi condenado a uma pena de prisão no ano passado é, em nível celular, um ser completamente diferente um ano depois. No entanto, no mundo relativo, continuamos a acreditar na continuidade, e que a causa, a condição e o efeito são levados adiante. Muitos, muitos comentários foram escritos sobre este assunto. Nesta conversa entre Vimalakirti e Manjusri, descobrimos que o Budismo ensina que não existe uma alma verdadeira e permanente e de existência independente que o leva para a próxima vida, ou para o céu, ou para a iluminação; nem existe um fundamento verdadeiramente existente.

A resposta de Vimalakirti à pergunta de Shariputra sobre onde eles deveriam sentar-se é sarcasticamente contundente: “Aqueles que anseiam por um assento para sentar-se não estão procurando o Dharma.” Desejar um assento, ele disse, significa que você está procurando uma fundação, uma referência, um dogma, um sistema. Significa que você quer aninhar-se.

Tenho a sensação de que Vimalakirti comparou a maneira como nós, seres iludidos, interagimos com o mundo – como julgamos, falamos, pensamos e valorizamos as coisas – com a maneira como o esterco de vaca cai no chão. Uma vez que atinge a terra, as fezes não se movem; da mesma forma, quando ficamos presos a uma ideia, ela se torna tão enraizada que fica virtualmente gravada em nossas mentes. Quando Shariputra pediu um lugar para sentar-se, Vimalakirti aproveitou a oportunidade para explicar que querer um assento indica um anseio por um lugar para acomodar-se. Se você quer acomodar-se, ele disse, você não está procurando a verdade – o Dharma. A única maneira de encontrar a verdade é tendo o tapete constantemente puxado debaixo de seus pés, e isso significa que não há tempo para se acomodar. Na verdade, significa que não existe tal coisa como o anseio de se acomodar, não há sentar e não há assento – que é onde as coisas começam a ficar complicadas.

“Mas eu quero o Darma”, insistiu Shariputra. “Não estou apenas procurando um lugar para sentar-me – claro que não! Só menciono isso porque sou um convidado em sua casa, e como você é meu anfitrião, é natural que eu mencione o fato de que não há cadeiras ou tapetes para nos sentarmos. Isso não significa que eu não esteja aqui pelo Darma.”

“Mas Shariputra, se você deseja o Buda, ou o Darma, ou a Sanga,” retrucou Vimalakirti, “Você não deseja a verdade. O que você está procurando é um lugar para acomodar-se. E no seu caso, você quer acomodar-se nos três grandes assentos do Buda, do Darma e da Sanga. Se você estivesse procurando a verdade, você não estaria disposto a se contentar em apenas entender a verdade do sofrimento, ou a capacidade de abandonar as causas do sofrimento.”

Essas são declarações bastante fortes! Se você realmente quer a verdade absoluta, você não se contentará com a cessação do sofrimento. E se você realmente quer entender a verdade, você não se contentará em praticar o caminho. Uau! Vimalakirti é realmente duro! Mas por mais contraditórias que suas declarações possam parecer à primeira vista, na verdade, elas não são.

“Não importa onde você queira se acomodar, ou que tipo de ‘acomodação’ esteja procurando, não é a verdade — mesmo que você se contente com a iluminação. Você é como uma mosca. Moscas adoram pousar em fezes, ou em qualquer coisa que cheire mal. A iluminação tem um cheiro muito forte e, por isso, você é atraído por ela. Mas tudo o que você realmente quer é pousar na iluminação e acomodar-se nela. Você quer colar seus quatro membros na iluminação para poder ficar lá para sempre. Esse é o tipo de ‘acomodação’ que você está procurando! Você não está procurando a verdade. Portanto, Shariputra, se você realmente quer o Darma, deve primeiro aprender a não o querer.”

A refutação de Vimalakirti à insistência de Shariputra de que ele realmente quer o Darma, expondo o que ‘querer o Darma’ realmente significa, é longa e, novamente, muitas vezes sarcástica. Mas assim que ele disse tudo o que queria, Vimalakirti milagrosamente invocou os mais belos tronos existentes em número suficiente para cada um dos grandes discípulos do Buda ter um lugar para sentar-se. Mas havia um detalhe: os tronos eram gigantescos e impossivelmente altos.

## **Pensar o Impensável**

Como filósofos, devemos aprender a interpretar com precisão e a dizer o que queremos dizer. Por exemplo, o que você quer dizer quando fala ‘incrível’ ou ‘impensável’? Seja o que for, é muito vago. A única maneira de entender algo completamente é ser capaz de pensar o impensável e, ao mesmo tempo, deixar que

o impensável permaneça impensável. Se você conseguir fazer isso, estará melhorando. No momento, a maioria de nós não consegue pensar o impensável. Os poucos que conseguem, rapidamente descobrem que ser capaz de pensar o impensável significa que o impensável não é mais impensável, é um ‘pensável impensável’. Portanto, os bodisatvas devem ser capazes de pensar o impensável, permitindo que a qualidade e o sabor do ‘impensável’ permaneçam.

Assim como o sapo que vive em um poço e não tem desejo de ver o mundo lá fora, precisamos de coragem para sair de nossos mundos minúsculos para entender essas ideias. Não estou sugerindo que você fabrique um tipo de credulidade para si mesmo; pensar o impensável não é sobre credulidade, é sobre ‘mente imensurável’. O que temos que aprender é como não rejeitar o impensável automaticamente, e a aceitar que o impossível é possível. Mas como? Aprendendo que impossível e possível são iguais; e que o possível é tão absurdo quanto o impossível.

Esta seção do Sutra de Vimalakirti está cheia de explicações semelhantes que formam um estudo aprofundado sobre o inacreditável, o impensável e o inconcebível – se eu fosse dar um título, seria algo como, ‘Explicando as Ações’, ou ‘Os Prós e Contras da Incredulidade’. Se você tiver tempo, deveria lê-la.

Praticamente falando, achamos difícil pensar o impensável porque não sabemos como, e só podemos falar sobre o impensável se imaginarmos que ele é de alguma forma crível. Então, estamos perdendo nosso tempo? Vimalakirti diz que não, de jeito nenhum. Se você morde um pedaço do céu, não é errado dizer que você mordeu o céu; se você nada na Praia de Copacabana, não é errado dizer que você nadou no oceano. E é assim que começamos.

Nenhum daqueles que seguiram Manjusri até Vaishali naquele dia eram seres comuns. Alguns eram grandes bodisatvas que haviam esmagado completamente montanhas de pensamentos dualísticos, hábitos e apegos, e, portanto, libertaram-se da necessidade de discernir tamanho, forma, altura, cor, certo e errado.

Nesse ponto, tendo invocado tronos para eles sentarem-se, Vimalakirti disse aos arhats e bodisatvas que cabia a cada indivíduo descobrir como subir em seu trono; e uma vez lá em cima, eles também teriam que descobrir por si mesmos como sentir-se genuinamente à vontade.

Os bodisatvas pularam em seus tronos sem nenhum problema. Mas por alguma razão, os arhats simplesmente não conseguiam. Mesmo o grande Shariputra não conseguia manter em sua mente a ideia de que um trono estupendamente vasto também era exatamente do tamanho certo para seu corpo comparativamente minúsculo. Seria como você ou eu nos deitássemos em uma

cama do tamanho de um estádio de futebol. Ficaríamos confortáveis? Não, porque nossas mentes simplesmente não conseguiriam lidar com a aparente contradição ou com a forma de lidar com ela. E os arhats também não conseguiam.

“Prostre-se ao Buda Merupradiparaja, o Rei da Iluminação”, disse Vimalakirti a Shariputra. “Se você fizer isso, você acumulará mérito suficiente para superar este constrangimento.”

À primeira vista, a interpretação mais óbvia do que Vimalakirti está dizendo é que existe um indivíduo chamado Merupradiparaja, que é um Buda poderoso e verdadeiramente existente, semelhante a um deus, e que ele pode conceder todos os nossos desejos, incluindo a capacidade de sentar-se e sentir-se confortável em um trono tão alto quanto uma montanha e tão largo quanto um estádio de futebol. Mas não tenho certeza se foi isso que Vimalakirti quis dizer aqui. Existe outra interpretação? Sim, mas ela exige-nos ir além de nossas mentes pequenas e teístas.

Acho que Vimalakirti poderia estar sugerindo que prostrar-se ao Buda Merupradiparaja não é apenas uma forma de mostrar respeito a um Buda exterior, é um estado de realização. Ao entrar nesse estado de realização, os arhats poderiam livrar-se do que restava de seu hábito dualista de fazer distinções. Uma vez que isso tivesse ido embora, seria muito mais fácil para eles lidar com o constrangimento de corpos humanos de tamanho comum sentados em tronos gigantes.

Mas por que todo o drama? Por que passar por toda essa complicação apenas para que os arhats pudessem sentar-se confortavelmente em tronos? E por que os arhats aceitariam o fardo de orar a um buda apenas para sentar-se em um trono — que é essencialmente o que Vimalakirti estava dizendo aos arhats para fazerem. O que esta história faz é nos levar à realização de que, através da devoção e da realização do Buda Merupradiparaja, é possível para um praticante transcender o constrangimento de ter que fazer distinções entre grande e pequeno; e que a devoção ao Buda Merupradiparaja não é outra coisa senão a devoção à não-dualidade absoluta.

## **Manjusri**

Manjusri inicia a próxima conversa com uma pergunta.

“Vimalakirti, como um bodisatva deve olhar para um ser senciente?”

“Um bodisatva deve olhar para um ser senciente da mesma forma que uma pessoa sábia olha para o reflexo da lua na água.”

Por que um bodisatva deveria ver um ser senciente como um reflexo? Geralmente presumimos que um reflexo é apenas um reflexo, que ele não existe de verdade. No entanto, embora um reflexo não exista de fato, é impossível negar que podemos ver a lua refletida na superfície da água parada. E quando a lua não está obscurecida por nuvens ou pela água turva, porque a claridade e a vacuidade surgem ao mesmo tempo, o reflexo da lua é tão completo, perfeito, claro e ‘existente’ quanto a lua no céu. Portanto, o que Vimalakirti parece estar dizendo é que, se você acredita que um ser senciente que realmente existe está lá fora em algum lugar, e que os bodisatvas podem praticar a geração da compaixão por esse ser, você está efetivamente afirmando que: a pessoa realmente existe; seus problemas e sofrimentos existem independentemente; o diagnóstico de seus problemas não é subjetivo ou fabricado; e a solução não é fabricada, ela realmente existe.

Imagine um médico especializado no funcionamento da mente. A ideia dele de normalidade é baseada nos livros que leu enquanto estudava para seu doutorado e, como resultado, esse tipo de normalidade tornou-se seu objetivo. Quando ele o examina, se você não se conforma com a ideia de normalidade dele, o diagnóstico será que você precisa de ajuda. A ajuda que ele então lhe dá terá como objetivo remodelar sua mente para que ela se pareça com o normal dele. Na verdade, porém, você é e sempre foi muito mais normal do que ele jamais foi.

Isso não é tudo. Quando você tenta ajudar alguém, simplesmente porque acredita que há um problema, um objeto desse problema, um diagnóstico do problema e uma solução, você acabará tornando-se a vítima de sua própria compaixão, tristeza e preocupação. Os californianos têm uma palavra para isso: codependência. Por exemplo, uma mulher tenta ajudar seu marido alcoólatra, mas no processo enreda-se no problema de como ajudar, o que é realmente a ajuda, não ser capaz de ajudar, e assim por diante. O que Vimalakirti está sugerindo aqui é que um bodisatva deve olhar para a pessoa que ele está tentando ajudar da mesma forma que olhamos para o reflexo da lua na água.

Ele também tem outras sugestões.

“Um bodisatva deve olhar para um ser senciente da mesma forma que um mágico olha para a exibição mágica que ele acabou de conjurar.

“Um bodisatva deve olhar para um ser senciente da mesma forma que você olha para seu próprio rosto em um espelho.” Como uma miragem.

Como um bodisatva deve olhar para um ser senciente que pratica, realiza a prática e purifica as impurezas? Em outras palavras, como um bodisatva deve ver um praticante que está progredindo?

“Olhe para o praticante da mesma forma que você olha para o rastro deixado por um pássaro voando no céu.” É claro que um pássaro voando não deixa rastro.

Portanto, de acordo com Vimalakirti, não há progresso; nada é abandonado e nada é alcançado. Tudo o que você pode fazer é pensar que um pássaro voou daqui para lá. É assim que um bodisatva deve ver o progresso de um praticante.

A maioria de nós mal fez algum progresso digno de nota em nosso caminho espiritual. Na verdade, muito poucos de nós alcançaram algo. Mas como você sentir-se-ia se seu professor lhe dissesse diretamente que o pouco que você imagina ter alcançado não passa de um rastro que um pássaro deixa para trás enquanto voa no céu? Você sentir-se-ia encorajado? Ou desanimado? Suspeito que seria o último.

“Então,” disse Manjusri a Vimalakirti, “se um bodisatva vê os seres sencientes como miragens e reflexos, e assim por diante, como pode esse bodisatva então gerar amor por esses mesmos seres sencientes?”

“Quando um bodisatva vê um ser senciente como uma miragem, um reflexo, ou o rastro deixado por um pássaro voando,” respondeu Vimalakirti, “não há vestígio de suposição, expectativa ou julgamento em sua visão. A maneira como ele vê o ser senciente não é enganosa. Como ele não é enganado por sua própria visão dos seres sencientes, não há engano algum. Isso não é amor?”

Vimalakirti continua descrevendo vários tipos de amor: amor protetor, amor pacificador, amor indolor, amor inato, amor que não é contraditório, amor não-dual, amor imóvel ou imperturbável, amor estável, amor puro, amor que derrota inimigos, amor natural, amor do Buda, amor de bodhi, amor generoso, amor disciplinado, amor paciente, amor diligente, amor sincero, amor de sabedoria, amor hábil, amor que não é hipócrita, amor que não engana, amor que não tem preço, amor bem-aventurado, etc. Em seguida, ele descreve a compaixão, a alegria e a equanimidade, todos os quais são alcançados quando o bodisatva sabe que os seres sencientes são como os reflexos da lua na água.

## **A Deusa**

Enquanto isso, uma deusa estava escutando a conversa. Ela ficou tão impressionada com essa notável efusão do Dharma que, enquanto regozijava-se de coração com tudo o que ouvia, espalhou botões de flores e pétalas sobre os arhats e bodisatvas como uma expressão de sua devoção. As flores que caíram nos bodisatvas deslizaram graciosamente para o chão, mas aquelas que caíram nos arhats ficaram presas. Como era considerado indecoroso que flores coloridas adornassem as vestes austeras de um renunciante, os arhats tentaram sacudi-las. Mas elas não se moviam. Alguns arhats até recorreram à magia para tentar removê-las, mas as flores da deusa ficaram exatamente onde estavam.

Histórias semelhantes existem na tradição Zen. Como a de dois monges que estavam prestes a atravessar um rio quando uma garota, que também queria atravessar, pediu a ajuda deles. O monge mais velho imediatamente a pegou no colo, a carregou pela água e a colocou na margem oposta. Mais tarde, o monge mais jovem disse: “Você é um monge, mas concordou em carregar uma mulher pelo rio. Como pôde fazer isso?”

O monge mais velho respondeu: “Deixei aquela garota para trás na margem do rio, mas você ainda a está carregando.”

O mesmo princípio e sabedoria aplicam-se às flores pegajosas. Para os arhats, as flores eram uma espécie de mancha, enquanto para os bodisatvas, não eram.

Mais uma vez, Shariputra é desafiado, desta vez não por Vimalakirti, mas pela deusa. E é aqui que o Sutra de Vimalakirti torna-se ainda mais ousado.

“A ‘liberação’ não é estar livre da raiva, do desejo e da ignorância?”, perguntou Shariputra. “Isso não é liberação?”

“Tais ensinamentos são dados apenas àqueles inchados de orgulho”, respondeu a deusa. “Aqueles que não são orgulhosos já sabem que não existe tal coisa como raiva, desejo e ignorância e que, portanto, não há nada para se livrarem.”

Essa troca de palavras foi desconcertante para os monges discípulos do Shrivakayana de Buda, que eram ligados pela disciplina do Vinaya e, portanto, tendiam a evitar mulheres. Também pode ter deixado alguns dos seguidores do Mahayana um pouco inquietos, mas foi muito pior para os monges. Para uma mulher ter a audácia de sequer discutir tais ensinamentos com um monge perfeito, puro e altamente realizado era quase intolerável. No entanto, a conversa de Shariputra com a deusa continuou.

“O que deu errado?”, perguntou Shariputra. “O que aconteceu com você?”

“O que você quer dizer?”, respondeu a deusa.

“Bem, você é uma mulher!”, disse Shariputra. “O que você fez em uma vida passada que a fez renascer como mulher nesta?”

“Do que você está falando?”, disse a deusa, irritada. “Eu vivo nesta casa há doze anos e nunca vi uma mulher!”

O chamado ‘homem’, ‘mulher’ e ‘gênero’, ela disse, são tão inexistentes quanto a magia de um mágico. Ou um reflexo da lua na água, que pode parecer

claro e completo, mas não tem uma natureza inerentemente existente. Ela então continua falando sobre o quão errado é pensar em termos de gênero, e não consegue entender por que Shariputra é tão obcecado por isso. Para reforçar seu ponto, ela magicamente troca de lugar com Shariputra. Em um instante, ele se encontra no corpo dela, e ela no dele.

“Algo está errado?”, ela perguntou.

“Bem, eu certamente pareço muito estranho!”, respondeu Shariputra. “Mas tirando isso, ser mulher não é muito diferente de ser homem!”

Eles agora falam sobre como as aparências são enganosas.

“O que faz você pensar que sou um homem? Por que você me viu no corpo de um homem por algumas décadas? Essa é a sua única razão? Se for, é uma razão patética.” E o mesmo argumento é aplicado ao porquê pensamos que uma mulher é uma mulher.

Eventualmente, ambos têm outra troca de sexo mágica e retornam às suas formas anteriores.

“Então, onde está sua forma feminina agora?”, perguntou a deusa.

“Ela não existe mais”, respondeu Shariputra, e eles discutem o que se entende por ‘não existe mais’. Como não existe tal coisa como um gênero verdadeiramente existente, eles disseram, como ele poderia mudar uma vez, muito menos duas.

Esta conversa sobre igualdade de gênero ocorreu perto da bela e remota cidade de Vaishali, no norte da Índia, na presença de talvez os praticantes espirituais mais significativos e importantes daquela época. E aconteceu há mais de dois mil e quinhentos anos, séculos antes de as religiões Cristã e Islâmica serem fundadas, e mais de dois milênios antes de a escritora francesa Olympe de Gouges publicar sua *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* em 1791 e a filósofa inglesa Mary Wollstonecraft adicionar sua voz feminista com *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher* em 1792.

## **Manjusri**

Hoje em dia, as pessoas dedicam muito esforço e dinheiro para realizar seus sonhos. Alguns economizam por meses apenas para voar para Chicago para assistir a um dos talk shows ao vivo de Oprah Winfrey, ou para visitar a Inglaterra para assistir ao Liverpool F.C. jogar em Anfield. As pessoas que viveram durante a vida de Buda tinham sonhos bastante diferentes. Elas sonhavam em ter a

oportunidade de testemunhar conversas como as que ocorreram entre Manjusri e Vimalakirti, que agora podemos ler no Sutra de Vimalakirti.

Não se esqueça, essas conversas não apenas foram inspiradas pelo próprio Buda, mas a audiência incluía Shariputra, Maudgalyayana, Kashyapa, vários reis e rainhas, mercadores fabulosamente ricos, senhores da guerra, todos de grande importância, e muitos cidadãos comuns de Vaishali. Todos eles teriam ficado atentos a cada palavra, sem ousar sequer pigarrear, de tão ansiosos que estavam para captar cada sílaba que esses dois grandes bodisatvas proferiram.

## O que faz um Buda?

Depois de examinar muitos assuntos profundos, Vimalakirti fez duas perguntas muito significativas. A primeira foi: “O que faz um buda?”, ou seja, quais ingredientes ou componentes entram na constituição de um buda? É um pouco como perguntar “Qual é a receita do ‘kimchi’ coreano?”. E a segunda pergunta foi: “A qual família ou casta um buda pertence?”

Hoje, não é fácil para nós entendermos essas perguntas, mas na época elas eram consideradas extremamente relevantes. Historicamente, certos trabalhos eram sempre dados àqueles que nasciam em famílias e origens sociais específicas. Até muito recentemente, por exemplo, os mais altos cargos políticos e sociais na Inglaterra eram dados quase exclusivamente a homens que haviam sido educados em escolas públicas como Harrow e Eton; e sempre espera-se que o Príncipe de Gales torne-se o próximo Rei da Inglaterra. O mesmo pode ser dito para o outro extremo da escala social — ninguém se surpreende quando o filho de um sapateiro faz sapatos excelentes. Da mesma forma, as pessoas da época de Buda teriam esperado que os budas nascessem exclusivamente em castas ou famílias específicas.

“Quais são os componentes ou ingredientes que fazem de Shakyamuni Buda um ‘buda’?”

Deve haver sangue correndo nas veias de um buda? É necessária uma boca? E ouvidos? Existe um DNA de buda especial, ou um código que é passado de uma geração para outra, como o DNA que causa o colesterol alto hereditário?

“O que é que tem o potencial de tornar-se um buda?” ‘Potencial’ no sentido de que o leite tem o potencial de tornar-se iogurte.

“O ‘buda’ é apenas uma figura histórica?” Ou seja, ‘buda’ é apenas o Buda que vemos representado em estátuas e nas paredes de templos com uma

protuberância na cabeça e cabelo encaracolado, que era filho de Shuddhodana e Mahamaya?

“A que nos referimos quando dizemos ‘buda’?”

A essa altura, Vimalakirti não estava mais respondendo às perguntas de Manjusri; Manjusri estava respondendo às de Vimalakirti. E é muito tocante e belo que o Senhor Manjusri tenha começado a referir-se a Vimalakirti não como um patrono, mas como o ‘Filho de uma Família Nobre’<sup>3</sup>.

Pergunto-me se algum dia seremos capazes de apreciar esta conversa plenamente?

É insuportável para muitos de nós até mesmo contemplar a noção de que a limpeza pode ser encontrada em meio à sujeira. No entanto, a limpeza só pode ser encontrada na sujeira. E para aqueles de nós que estão presos à ideia de que a limpeza é um estado puritano que é inteiramente independente e separado da sujeira, das emoções e das impurezas, tal afirmação é tão desconcertante que é virtualmente inconcebível.

“Filho de uma Família Nobre”, disse Manjusri, “As emoções são os ingredientes que fazem um buda. A ignorância, o apego, o desejo e a raiva são a família do buda.”

Aqui, Manjusri ofereceu esperança e encorajamento ao ridicularizar nossas ideias sobre o limpo e o sujo. Ele disse que o bem *só pode* ser encontrado no ruim e no feio. Ele estava apenas fazendo um discurso motivacional politicamente correto, ou dizendo coisas que não sentia só para nos animar? Não, ele estava expressando uma verdade dura e penetrante. Para alguns, é uma verdade insuportável, mas para outros, é a coisa mais encorajadora que já ouvimos.

“Se você plantar uma semente no céu”, disse Manjusri, “ela nunca se transformará em uma flor. Da mesma forma, um buda não pode surgir do estado não-composto; um buda – a iluminação – só surgirá onde houver fenômenos compostos.”

Portanto, Manjusri não está difamando os fenômenos compostos; ele não está dizendo que os fenômenos compostos são profanos, ou algum tipo de mancha. O que ele está dizendo é que os fenômenos compostos são impermanentes, mas, mesmo assim, nós os veneramos. Para aqueles com mentalidade filosófica, este é um ponto importante.

## O que é Não-dualidade?

Um pouco mais adiante, Vimalakirti perguntou aos bodisatvas: “O que é a não-dualidade?” Cada um deles deu uma resposta extremamente impressionante – afinal, esses bodisatvas não eram tão tolos.

“Quando penso ‘eu’ e ‘meu’, isso é dualidade. Quando ‘eu’ e ‘meu’ colapsam, isso é não-dualidade.”

“Onde há impureza e purificação, isso é dualidade. Quando você vai além da impureza e da purificação, isso é não-dualidade.”

“Onde há ações virtuosas e não-virtuosas, isso é dualidade. Quando você vai além do virtuoso e do não-virtuoso, isso é não-dualidade.”

Eu gostaria que aqueles que se dizem budistas, mas estão tão emaranhados em suas próprias versões de virtude, moralidade e ética a ponto de desprezar e detestar os não-virtuosos, lessem isso; e eu gostaria de ver a expressão em seus rostos ao perceberem o que significa.

“Se você pensa que este mundo é mundano e que um outro mundo mais sublime também existe, isso é dualidade. Quando você vai além do mundano e do sublime, isso é não-dualidade.”

Os exemplos tornam-se cada vez mais elaborados e incluem explicações relacionadas a todas as Seis Paramitas.

“Se a paramita da generosidade é entendida como não-dualidade, esse tipo de generosidade o levará à liberação. O bodisatva que entende isso também verá que a própria liberação é generosidade.”

“Se você anseia pela liberação porque não gosta do samsara, isso é dualidade. A única maneira de você atualizar a não-dualidade é indo além de gostar da liberação e de não gostar do samsara.”

## Shariputra

Os monges do Shravakayana devem terminar de almoçar antes do meio-dia. Se não o fizerem, ou se perderem o almoço por completo, terão que esperar até o café da manhã do dia seguinte para satisfazer a fome. A essa altura, o estômago de Shariputra estava roncando. Verificando rapidamente a posição do sol, ele viu que já era quase meio-dia, mas não havia sinal de almoço. Ele começou a inquietar-se.

Sabendo muito bem que Shariputra estava faminto, Vimalakirti iniciou outra de suas repreensões implacáveis.

“Shariputra, você está distraído! Você não consegue ouvir os ensinamentos corretamente com a mente distraída. Porque você não está ouvindo! Esta é a sua oportunidade de ‘comer’ algo que você nunca sequer pensou antes!”

Nesse ponto, Vimalakirti apresenta a todos o Campo Búdico Perfumado, onde absolutamente tudo tem um cheiro divinamente delicioso. E como também era hora do almoço lá, o aroma deve ter sido especialmente de dar água na boca.

“Quem dentre vocês atreve-se a ir ao Campo Búdico Perfumado para pegar algo para levar?”, perguntou Vimalakirti, olhando de forma significativa para os bodisatvas.

Uma coisa que você precisa saber antes de continuarmos é que Manjusri havia pedido a Vimalakirti que demonstrasse algo aos bodisatvas e, como sempre, Vimalakirti estava mais do que disposto a atender. Mas para criar as circunstâncias certas, Manjusri teve que recorrer ao seu extenso repertório de truques hábeis para garantir que nenhum dos bodisatvas se voluntariasse.

“Você não está envergonhado?”, zombou Vimalakirti, ao virar-se para Manjusri. “Olhe para sua comitiva. Ninguém está disposto a ir buscar o almoço!”

“Mas você se esquece”, retrucou Manjusri. “O Buda disse que nunca devemos desprezar os desinformados.”

Instantaneamente Vimalakirti criou um avatar de si mesmo na forma de um belo e dourado bodisatva.

“Vá para o Campo Búdico Perfumado e circumambule o Tathagata Gandhottamakuta”, ele disse. “Prostre-se a esse Buda, preste-lhe homenagem e implore a ele para lhe dar as sobras de seu almoço. Depois, traga-as para cá.”

O avatar de Vimalakirti seguiu suas ordens à risca.

O Campo Búdico Perfumado é bastante diferente do nosso mundo, e seus habitantes ficaram fascinados com o avatar bodisatva de Vimalakirti, que parecia tão estranho para eles quanto E.T. parece para nós. O avatar prostrou-se e prestou homenagem ao Tathagata Gandhottamakuta, depois implorou ao Buda por suas sobras, que, ele disse, seriam extremamente benéficas em nosso mundo.

“Venho do mundo abençoado pelo Buda Shakyamuni”, disse o avatar. “As pessoas do nosso mundo amam a mediocridade e qualquer coisa de baixa classe, inferior ou cafona. Você poderia dizer que venho de um mundo que carece de bom gosto.”

Os discípulos do Tathagata Gandhottamakuta conheciam apenas os ensinamentos mais elevados e, como não tinham ideia do que referências ou

comparações sequer eram, certamente não conseguiam entender o conceito de mediocridade.

“O que você quer dizer?”, eles perguntaram.

Aqui, no mundo de Vimalakirti, somos ensinados a ser desdenhosos da mediocridade e do mau gosto, mas a atitude do Tathagata Gandhottamakuta e de seus discípulos no Campo Búdico Perfumado era bastante diferente. Na verdade, o Tathagata começou a cantar os louvores do mundo alienígena do avatar e de seu povo que tanto amava o comum e o corriqueiro. Ele também fez grandes elogios ao Buda Shakyamuni, que, ele disse, era excepcional, mesmo entre os budas, por ter a coragem, sabedoria e habilidade de aparecer em um reino povoado por seres tão sem brilho e prosaicos. Quem mais teria escolhido ir para lá? Era como morar na Boulevard Saint-Germain ou na Rue Saint-Honoré e fazer todas as suas compras na Champs-Élysées.

O Tathagata Gandhottamakuta explicou a seus discípulos que o avatar era a manifestação de um dos discípulos de Shakyamuni.

“É assim que se parece um discípulo de Shakyamuni. Ele não é magnífico! No entanto, ele vem de um mundo onde as pessoas contentam-se voluntariamente com o meramente adequado.”

Enquanto falava, o Tathagata reuniu suas sobras, embalou-as lindamente e entregou-as ao avatar de Vimalakirti.

Muitos dos discípulos do Tathagata ficaram intrigados com a ideia de um mundo tão indiferente, e quando chegou a hora de o avatar ir para casa, eles ofereceram-se para voltar com ele. Eles queriam ver a mediocridade por si mesmos, como os japoneses que visitam a Índia pela emoção de experimentar poeira, caos, sujeira e o cheiro fétido.

“Tenham muito cuidado”, disse o Tathagata. “Duvido que as pessoas do mundo deste avatar sejam capazes de tolerar sua beleza e fragrância. Vocês podem deixá-los loucos! Então, peguem leve.”

Antes de todos partirem, houve uma discussão sobre a diferença entre a forma como o Tathagata Gandhottamakuta e o Buda Shakyamuni ensinavam. Um deles ensinava seres com bom gosto, e o outro ensinava seres com muito mau gosto. Mas o que se entende por ‘mau gosto’, e o que é ‘mediocridade’? Especificamente, o que torna nosso mundo tão comparativamente prosaico? Enquanto conversavam, ficou claro o quão difícil é ensinar os que não discernem, conforme o Tathagata Gandhottamakuta demonstrou quando falou longamente de sua imensa admiração pela capacidade excepcional do Buda Shakyamuni de

ensinar em um nível prosaico. Ele até elogiou a própria mediocridade dos ensinamentos de Shakyamuni.

Neste ponto, o Sutra de Vimalakirti parece estar examinando o gosto e a classe. Ensinar aqueles que amam a mediocridade é como tentar introduzir um homem da China continental que veste-se dos pés à cabeça de Versace — cueca Versace, camisa Versace, chapéu Versace, perfume Versace — ao conceito de bom gosto. Como você pode convencê-lo de que ele ficaria muito mais elegante em uma simples camiseta branca, jeans azul e um cachecol cinza do que nas confecções multicoloridas da Versace? Você não consegue! Porque o fã de Versace só está interessado em comprar coleções inteiras de marcas que são instantaneamente reconhecíveis e extremamente caras. Persuadir essa pessoa a desenvolver um senso de elegância está longe de ser fácil.

Ensinamentos como carma, reencarnação, generosidade, disciplina e *mindfulness*, todos enquadram-se na categoria de ensinamentos medíocres. A essa altura, você provavelmente está se perguntando o que se entende aqui por ‘medíocre’. Pelo que posso entender, para Vimalakirti, ensinamentos medíocres dizem coisas como: se você é ruim e age mal, sofrerá e irá para o inferno; se você é bom e suas ações são boas, você experimentará a felicidade e irá para o céu; se você sente desejo, deve domá-lo; e se você fica com raiva, deve controlar sua raiva e depois livrar-se dela. Ensinamentos medíocres são aqueles que fazem julgamentos rígidos e distinções claras, e são dados a pessoas que só conseguem mastigar e digerir informações medíocres. Deste ponto de vista, todos os ensinamentos e métodos passo a passo do Buda enquadram-se na categoria de ensinamentos medíocres.

Por exemplo, um método medíocre para desmamar o homem chinês de sua obsessão por Versace é levá-lo a Paris ou a Roma e apresentá-lo a um círculo de pessoas gentis e autoconfiantes que são verdadeiramente elegantes. À medida que o homem chinês passa mais tempo com seus novos amigos, eles gentilmente desencorajam-no a se socializar com os *nouveau riche*, e mostram pelo exemplo que vestir marcas caras e vistosas nunca trará a autoconfiança que ele anseia. Lentamente, passo a passo, a gentileza e a postura natural deles o afastará de sua obsessão pela Versace e o levará a um estilo mais refinado. E é exatamente isso que os ensinamentos medíocres fazem. Eles nos atraem para as verdades mais elevadas através de ensinamentos indiretos. Para muitos de nós, esse método é nossa única esperança de algum dia aproximarmos-nos das verdades mais elevadas. No entanto, nós amamos tanto os ensinamentos medíocres! Apegamo-nos a eles e não podemos viver sem eles, e é por isso que, por sua grande compaixão, o Buda proferiu tantos.

## Ananda

De volta ao bosque das mangueiras, Shakyamuni Buda continuou a ensinar, atendido apenas por Ananda — todos os outros discípulos haviam seguido Manjusri até Vaishali. De repente, o bosque foi preenchido com uma luz dourada.

“O que está acontecendo?”, perguntou Ananda.

“É um sinal de que Vimalakirti e Manjusri terminaram de conversar. Eles estão voltando”, respondeu o Buda.

Não apenas Vimalakirti e Manjusri estavam retornando ao bosque das mangueiras. Eles foram seguidos por todos que testemunharam sua conversa — todos os reis, rainhas, ministros, monges e pessoas de todas as classes sociais — em uma procissão caótica e improvisada, que tenho certeza que também deve ter incluído toda a parafernália indiana usual, como sombrinhas, buzinas, elefantes, cavalos, leques de penas de pavão, dançarinas, cores berrantes, tecidos cintilantes, luzes e incenso.

Assim que entrou no bosque das mangueiras, Vimalakirti jogou-se aos pés do Buda, como uma árvore derrubada — outra lição a ser notada. Até agora, este sensualista de cabelo oleoso parecia arrogante, mimado e, francamente, não era fácil de lidar. Mas aqui, nos é dito que ele se prostrou humildemente diante de Gautama Buda e depois circambulou-o, seguido por todos os arhats e bodisatvas.

Ao passo que Vimalakirti prestava homenagem, Shariputra atualizava o Buda sobre o que havia acontecido.

“Que cheiro é esse?”, perguntou Ananda. “Não o reconheço?”

“É o cheiro exalado pelos bodisatvas do Campo Búdico Perfumado”, explicou o Buda.

“Mas até mesmo os membros de nossa própria Sanga parecem tê-lo absorvido”, disse Ananda. “Como isso aconteceu?”

“Eles cheiram como os bodisatvas do Campo Búdico Perfumado porque comeram as sobras do Tathagata Gandhottamakuta”, disse o Buda.

Por que a comida — e, nesse caso, as sobras de comida — são tão importantes nesta história? A comida geralmente implica sustento, e comer é uma das maneiras de mantermos nossos corpos. Mas do ponto de vista budista, corpo, fala e mente exigem métodos de sustento para manter o fio condutor. Seres iludidos como nós preocupamo-nos terrivelmente em manter nosso corpo físico, mas a ênfase no Budadarma é em como sustentar a mente. E aqui, no Sutra de Vimalakirti, as sobras do Tathagata Gandhottamakuta levam a uma discussão profunda e longa sobre como fazer exatamente isso.

A meditação *samadhi*, nos é dito, é o único método para sustentar a mente. Embora essa afirmação possa ser tomada metaforicamente, ela também deve ser tomada literalmente. Meditação, concentração e calma, sem dúvida, mantêm a saúde da mente. Ao mesmo tempo, como a mente está no comando do corpo e o lidera, o apetite por comida de um meditador experiente será notavelmente diferente do de alguém que não medita. A ganância experimentada por não-meditadores pode ser insaciável — algumas pessoas comem como porcos. Fui informado de que não muito antes da queda do Império Romano, os romanos ricos empanturravam-se, depois vomitavam para poderem começar a refeição novamente. Mesmo hoje, a maioria de nós é mais ou menos bulímica. Assim como não precisamos de mais de um ou dois pares de sapatos — e certamente não precisamos de tantas roupas que nosso guarda-roupa transborde — comemos muito mais do que é estritamente necessário. Na maioria das vezes, não comemos para nos nutrir e sustentar, mas apenas porque queremos. É ridículo! Nossa ingestão de alimentos é impulsionada pelo ‘querer’ e não pela ‘necessidade’. Mas quando você começa a praticar meditação, mesmo que sua prática de *shamata* seja medíocre, você não precisará comer tanto quanto comia, porque muito pouco lhe dará toda a energia de que você precisa. E lembre-se, um apetite menor por comida não é nem mesmo um milagre, é apenas um efeito colateral da prática de *shamata*.

À medida que praticamos, à medida que nos acostumamos cada vez mais com a visão correta e nos tornamos mais inteligentes sobre como superar a distração, nossa definição de ‘sustento’, ‘manutenção’ e ‘comida’ mudará. Nos tornaremos mais exigentes com nossos hábitos alimentares e veremos que é muito mais saudável comer comida de verdade do que refeições processadas prontas. Também nos tornaremos mais exigentes com muitas das outras ‘dietas’ que seguimos, como nossas dietas de som, roupas, carros, saldos bancários, planos de pensão, relacionamentos, amizades e assim por diante.

Como libertar-nos do querer e da necessidade é um assunto muito vasto, mas, essencialmente, pode ser alcançado através da prática e, à medida que nos libertamos gradualmente, nossa definição de ‘sustento’ mudará. Um passo importante para seguir uma dieta saudável é aprender a lidar com a necessidade de comer. Além disso, seres iludidos não conseguem entender a não-dualidade, mas sentimos uma necessidade de ‘união’, e é por isso que ansiamos por relacionamentos e amizade, abraços, contato, relações sexuais, beijos, beliscões...

De volta ao bosque das mangueiras, todos aqueles que haviam seguido Manjusri até Vaishali agora tinham retornado.

“Então, Vimalakirti”, disse o Buda, “como você vê o Buda?”

Buda está além da forma, disse Vimalakirti, além do sentimento, além da formação cármica, além do símbolo, além do tempo. O Tathagata não é escuridão, não é iluminação, não é um nome, não é uma marca, não é uma referência, não é poderoso, não é fraco. O Tathagata não tem forma, não tem olhos, não tem ouvidos, não tem gênero... e assim por diante.

Para a maioria de nós, o termo 'buda' significa o Buda histórico Shakyamuni, cuja manifestação aderiu às categorias de gênero, tempo e espaço. Mas aqui, Vimalakirti explica como ver o buda no nível absoluto: como ver o 'buda absoluto'. Então, um pouco mais tarde neste capítulo, o tapete é mais uma vez puxado debaixo dos nossos pés quando o Buda pede a Vimalakirti para mostrar a todos o Buda Aksobhya e seu campo búdico. Em um instante, Vimalakirti realizou um milagre estupendo e o magnífico campo búdico de Abhirati foi exibido para que todos vissem.

Como sempre, o cenário desta cena é importante. Uma enorme audiência de discípulos tinha acabado de ser informada de que 'buda' estava além da forma, sentimento e assim por diante. No entanto, Shakyamuni Buda então pediu a Vimalakirti para revelar a manifestação física do Campo Búdico de Aksobhya. Vimalakirti fez o que o Buda pediu, e o texto sugere que foi como se ele tivesse apenas afastado uma cortina. Lá, exibidos diante deles, todos viram as altas montanhas, rios largos, vales exuberantes, palácios reluzentes cercados por lagos de lótus e cisnes, florestas de árvores que realizam desejos e um céu brilhante cheio de pássaros que compõem o reino de Aksobhya. Mas, não importa como os campos búdicos pareçam-se para nós, eles são definidos em termos de não-dualidade. Por exemplo, um prado em um campo búdico não terá leste. E se não há leste, não pode haver sul, nem meio, nem limite, nem topo e nem fundo. Tudo isso leva-nos de volta diretamente à não-dualidade e a como explicar o inexplicável.

## O Epílogo

A parte final do Sutra de Vimalakirti é uma discussão entre Manjusri, Vimalakirti e os outros bodisatvas sobre o futuro; especificamente, sobre o que acontecerá no tempo da degeneração, muito tempo depois do *parinirvana* do Buda.

Alguns de nós ainda podem querer rotular tudo o que lemos no Sutra de Vimalakirti como mito e lenda, ou na melhor das hipóteses, um relato histórico de eventos que ocorreram há milênios. Podemos também pensar que Shariputra, Ananda e todos os outros que viveram naquela época foram extremamente sortudos por terem conhecido o Buda pessoalmente e por terem encontrado bodisatvas notáveis como Vimalakirti em carne e osso. Como nenhum de nós teve

essa oportunidade, nascemos, portanto, no lugar errado, na hora errada? Não necessariamente.

Neste epílogo, o Buda afirma claramente que se este sutra for escrito, guardado, mantido em sua casa ou até mesmo usado; se você copiar trechos em um caderno e venerar cada palavra, ou se abençoar com este sutra, ou se você amar discutir este sutra e amar ouvir os outros falarem sobre ele, você acumulará mérito. E não apenas um pouco de mérito. Imagine dar a todos os budas das dez direções e aos bodisatvas dos três tempos almoço e jantar por eras, enquanto faz continuamente oferendas de centenas de quilos de ouro, diamantes, prata e outros bens materiais valiosos e desejáveis. Esse tipo de generosidade não acumularia uma enorme quantidade de mérito? Claro que sim! Uma imensa e incalculável montanha de mérito. Mas nada em comparação com o mérito que você pode acumular, especialmente nestes tempos degenerados, simplesmente discutindo os assuntos mencionados neste sutra por alguns momentos.

Quando Buda ficou em silêncio, o Senhor Indra, Rei dos Deuses, levantou-se e voluntariou-se para ser o protetor deste Darma. Não importa onde este sutra seja ouvido, ensinado, discutido, impresso, escrito, armazenado ou encontrado — em cidades, vilarejos, ruas, jardins, piscinas, ermidas ou topos de montanhas — o Senhor Indra prometeu venerar e prestar homenagem a todos que forem tocados por ele, que o amarem e que ansiarem por preservá-lo.

O Buda regozijou-se com o compromisso do Senhor Indra.

“Tais discussões são a oferta suprema do Darma, da verdade”, ele disse. “Proteger quaisquer estratégias, sabedoria ou livros que estejam em conflito com o samsara é uma atividade incalculavelmente digna. Se você quer resistir ou criar atrito com a dualidade, encontrará toda a munição de que precisa neste sutra. É o melhor! Portanto, Rei dos Deuses, você está fazendo a coisa certa. Proteja-o bem e valorize-o, pois o Sutra de Vimalakirti é uma arma excepcionalmente eficaz para causar estragos, até mesmo destruição em massa, no mundo dualista.”

Finalmente, Buda virou-se para Ananda e pediu-lhe que valorizasse este ensinamento, ao que todos no bosque das mangueiras — os bodisatvas, arhats, shravakas, deuses, semideuses, rakshasas e yakshas — regozijaram-se.

A esta altura, você já deve ter percebido que o Sutra de Vimalakirti não é um sutra comum.

É difícil para nós que vivemos no mundo profano de hoje engolir a verdade quando a ouvimos, e o Sutra de Vimalakirti contém muito sobre as mais elevadas das verdades. Não imagine, no entanto, que a natureza da verdade mais elevada é mística ou mitológica, porque ela não é. Embora a verdade absoluta não possa ser expressa, concebida ou conceitualizada, todas as técnicas e ferramentas necessárias para estabelecê-la foram dispostas para nós pelo próprio Buda. O Sutra de Vimalakirti, por exemplo, descreve métodos surpreendentemente eficazes para desconstruir qualquer coisa e tudo o que não é a verdade.

Sei que estou repetindo-me, mas não se engane, este sutra é *extremamente profundo*. E é porque sutras como este são tão profundos que estudamos os comentários, os ‘shastras’, que ajudam a explicá-los. Discípulos do Buda e bodisatvas célebres escreveram alguns dos comentários disponíveis para nós, mas muitos mais foram escritos por grandes estudiosos indianos, chineses, japoneses e tibetanos. Esses estudiosos não eram apenas lógicos ou teóricos, eles eram praticantes altamente realizados que colocaram em prática os ensinamentos que encontraram em sutras como o Sutra de Vimalakirti e, como resultado, não caíram mais vítimas de elogios, críticas, ganhos ou perdas – uma realização que eles demonstraram repetidamente.

As discussões que encontramos neste sutra não são meros exercícios intelectuais. Elas não são como as especulações filosóficas que existencialistas franceses de boina engajaram-se no início do século XX em cafés na margem esquerda do Sena, enquanto apertavam os olhos através de óculos grossos de fundo de garrafa e mastigavam charutos grossos. Posso afirmar com total confiança que cada método que o Buda ofereceu para ajudar os seres sencientes está enraizado nas conversas registradas no Sutra de Vimalakirti e em outros textos semelhantes. Acender velas, por exemplo, e queimar incenso, raspar a cabeça e renunciar ao mundano, abster-se de comer carne e fazer sexo são apenas alguns dos métodos mencionados. Outros métodos foram projetados para bodisatvas, que são ativamente encorajados a fazer qualquer coisa e tudo o que as sociedades seculares desaprovam ou consideram imoral, como roubar e mentir.

Todos nós já ouvimos histórias sobre bodisatvas que deram suas posses mais preciosas, seus filhos, propriedades, casas e até mesmo seus amados cônjuges para ajudar os outros. E, claro, há a famosa história sobre o bodisatva que ofereceu seu próprio corpo a uma família de tigres famintos. Mas para a maioria de nós, esse tipo de atividade soa não apenas exagerado, mas tão inacreditável quanto o conto de fadas sobre uma princesa que beijou um sapo. No entanto, historicamente houve, e ainda há, bodisatvas que podem mastigar e engolir essas

histórias aparentemente inacreditáveis. Esses bodisatvas podem beber o néctar de todos os assuntos discutidos neste sutra porque eles esmagaram o hábito de apegar-se a seus egos e demoliram a parede da dualidade. Tais bodisatvas não são limitados pelas distinções de bom e ruim, ou quantidade e qualidade; eles veem tudo como uma ilusão, ou um sonho, ou magia. Eles têm tão poucos escrúpulos em oferecer sua própria carne a tigres famintos quanto o resto de nós teria em destruir um castelo de areia, por mais lindamente que tenha sido esculpido. E se, ao dar sua posse mais preciosa, eles podem ajudar alguém, eles não pensam duas vezes. Basicamente, os bodisatvas fazem o que for preciso para ajudar.

O Sutra de Vimalakirti não é um sutra convencional porque, ao contrário do Sutra dos Sábios e dos Tolos (o Sutra de Damamuka), ou dos Contos Jataka, ou mesmo dos textos do Vinaya, em um certo nível ele não pode ser tomado literalmente. Sutras convencionais eram ensinamentos condicionais ensinados para aqueles que pensam em termos de ética, moralidade, disciplina, reencarnação, carma e consequências; para pessoas que querem fazer a coisa certa e não querem fazer a coisa errada. O Sutra de Vimalakirti definitivamente não é esse tipo de sutra.

Sutras convencionais são para aqueles que não conseguem mastigar ideias realmente grandes. Da mesma forma que os bebês não conseguem mastigar ou engolir alimentos sólidos, os sutras convencionais são projetados para aqueles que acham grandes ideias difíceis de digerir. Sutras convencionais são interessantes e fáceis de aceitar; eles empregam lógica e padrões de pensamento comuns, como não matar, não roubar, caminhar devagar, lavar as mãos corretamente, não usar palavras duras, sentar-se ereto, focar na respiração. ‘Todas as coisas compostas são impermanentes’, ‘todas as emoções são dor’ e ensinamentos semelhantes que exigem um pouco de explicação também estão entre aqueles projetados pelo Buda para serem mastigáveis e digeríveis.

Ensinamentos como os encontrados no Sutra de Vajracchedika, no Sutra de Vimalakirti e no Sutra de Manjusri<sup>4</sup> são mais semelhantes a comida sólida – ou a um shot de tequila que você bebe de uma vez, sem sal ou limão. Eles definitivamente não são ensinamentos pudicos e moralistas. Eles são diretos e vão direto ao cerne da questão.

Embora muitos de nós sejamos inspirados e até mesmo bastante familiarizados com os ensinamentos do Buda, nós realmente não os entendemos. Compreender verdadeiramente o Dharma do Buda é difícil, extremamente difícil. Por exemplo, não se engane pensando que você entende shunyata, porque você não entende – a mente subjetiva e habitual não se permite entender shunyata. Embora amemos pensar que nossas mentes são objetivas, elas não são. Na verdade, não

existe tal coisa como uma mente objetiva. Pelo contrário, a dose de mente subjetiva encontrada em seres humanos como nós é perigosamente alta – especialmente entre os adultos e os bem-educados. Pessoas inteligentes, dolorosamente recheadas com suas próprias ideias, são geralmente as mais subjetivas e teimosas de todas. Mas não se incomode em tentar apontar sua completa falta de objetividade, porque elas não ouvirão.

Em seus shastras, grandes comentadores como Nagarjuna, Asanga, Vasubandhu, Bhavaviveka, Shantideva, Maitreya e os demais, mapearam uma maneira sistemática de pensar sobre, decifrar e desconstruir pensamentos e ideias de todos os ângulos possíveis. Esses textos são inestimáveis, porque sem eles é quase impossível chegar ao cerne de conceitos budistas como shunyata de uma só vez. É por isso que o início do Sutra de Vajracchedika, que prepara o cenário para o resto do sutra, é tão importante e um exemplo muito bom de quão importante a preparação do cenário nos sutras pode ser. A partir dele aprendemos, junto com muitos outros detalhes, como a tigela de esmola do Buda foi lavada, como sua mesa foi posta, como uma túnica do Darma foi dobrada corretamente, como o assento de um monge foi coberto com um pano especial, e que quando o Buda se sentou com as pernas cruzadas suas costas estavam muito retas. Também somos agraciados com belas descrições de árvores e da serenidade do ambiente natural em que os ensinamentos ocorreram. Preparar o cenário era levado muito a sério! E é somente depois que o cenário foi preparado que somos apresentados aos ensinamentos sobre shunyata.

No Sutra de Vajracchedika, há um relato de uma conversa entre o Buda e Subhuti que incluía uma pergunta muito significativa.

“Eu ensinei?”, perguntou o Buda.

“Não, você não ensinou”, respondeu Subhuti. E o Buda concordou.

“Exatamente!”, ele disse. “O Buda nunca ensinou!”

Ao mesmo tempo, devemos lembrar que shunyata nunca deve ser entendida como uma negação total, ou uma forma de niilismo. Este ponto é demonstrado de forma requintada no Sutra de Vimalakirti. Assim como no Sutra de Vajracchedika, a cena é preparada com cuidado escrupuloso e com grande detalhe. Lembre-se do início do livro, onde o Buda transforma milagrosamente quinhentos para-sóis em um só, e então encaixa o universo inteiro debaixo dele? São coisas de virar a cabeça, como assistir a um filme de fantasia. Em menos de cinco minutos o leitor fica fisgado e, então, é trazido de volta à terra com um solavanco.

Uma coisa que amo neste sutra é que ele envolve tantos personagens maiores que a vida, como Shariputra, Maudgalyayana, Ananda e Subhuti. Esses homens eram o epítome dos maiores filósofos, pensadores e renunciantes

espirituais daquela época e, assim como os intelectuais e acadêmicos de hoje desprezam homens de negócios vazios, grosseiros e novos-ricos, eles ficaram horrorizados com Vimalakirti. Como um filisteu como esse poderia saber algo que valesse a pena? No que lhes dizia respeito, tudo o que Vimalakirti era bom em fazer era ganhar dinheiro, devorar comidas requintadas, dar festas libertinas e depois ganhar mais dinheiro. Ele sequer tinha acesso ao seu mundo interior? É claro que não!

Nós, seres ignorantes, habitualmente julgamos pelas aparências. De acordo com a aparência e o estilo de vida de Vimalakirti, alguns de nós teriam adivinhado que ele sabia algo sobre o Dharma? Muito menos que ele era tão realizado? Ele era o tipo de homem a quem perguntaríamos sobre o preço da prata ou do ouro, mas nenhum de nós sequer pensaria em consultá-lo sobre o significado de shunyata. E quanto à sua capacidade de desconstruir os ensinamentos como ele fez – inimaginável!

Como eles devem ter encarado as joias vulgares e obscenamente caras penduradas em seu corpo, sem mencionar sua pele reluzente – resultado de horas passadas em banhos perfumados enquanto suas garotas esfoliavam cada centímetro de sua pele com sabão de pó de feijão e óleos preciosos. Tais detalhes sobre como os ricos viviam aparecem em vários sutras, não apenas neste. Eles são importantes porque como Vimalakirti parecia e vivia ajuda a preparar o cenário para o resto do sutra.

O Sutra de Vimalakirti demonstra repetidamente que a compreensão da sabedoria, que é a verdade última, não precisa ser abordada usando métodos convencionais. Nosso hábito é estudar um assunto lendo, escrevendo, questionando, debatendo, fazendo notas de rodapé, pulando de biblioteca em biblioteca e fazendo muita contemplação. Mas, na verdade, a iluminação pode ser alcançada usando qualquer método. A troca de sexo de Shariputra, a comida das sobras de um certo Buda e o uso de fragrâncias deliciosas são apenas alguns dos métodos que evocam a prática tântrica de visualização. Quando praticamos a visualização, imaginamos seres de ambos os gêneros, cujos corpos podem ser de qualquer cor e que podem ter qualquer número de braços, pernas e cabeças. Eles também têm a capacidade de sentar-se em frágeis pétalas de lótus sem esmagá-las.

Se um pouco de suco de limão for adicionado a um pouco de leite, o que acontece? O leite talha e o soro e a coalhada separam-se. À primeira vista, limões não têm nada a ver com leite. No entanto, uma vez que você conhece este truque simples, você pode fazer coalhada. A palavra tibetana para métodos hábeis é *thabs* (Skt. *upaya*). *Thabs* traz consigo a conotação de ‘truque’, ou mesmo ‘catalisador’,

porque métodos hábeis aceleram as coisas sem afetar os elementos envolvidos. Neste caso, usamos métodos hábeis para domar a mente – e como o Buda, Manjusri, Maitreya, Shantideva e todos os grandes mestres disseram, a mente realmente precisa ser domada. Então, sentamo-nos eretos e olhamos para nossas mentes. Mas o que sentar-se com as costas retas tem a ver com a mente? Não faz sentido. Se sentar-se com as costas retas realmente ajuda a domar a mente, dormir com as costas retas não deveria funcionar também? Ou caminhar com as costas retas? Não, de jeito nenhum. Porque é apenas o sentar-se com as costas retas que rapidamente e sem dor produz o efeito certo.

Idealmente, um mestre espiritual habilidoso mudará o método hábil ou truque que ele usa para adequar-se à capacidade da pessoa com quem ele está lidando. O limão tem o mesmo efeito no vinho que tem no leite de vaca? Não. Mesmo que litros e litros de suco de limão fossem adicionados ao vinho, ele não se separaria em coalhada e soro. Da mesma forma, um método hábil que funciona extremamente bem para uma pessoa pode ser inútil para outra. É por isso que o caminho é tão meticuloso e complexo, e, também por isso que é tão intrigante. Quando o truque certo é aplicado à pessoa certa, o resultado certo é alcançado. O Mahayana realmente destaca-se quando se trata desse tipo de método, e especialmente o caminho Mahayana do Tantra, que conhece todos os truques.

O Sutra de Vimalakirti não é um texto tântrico, é um sutra Mahayana, mas muitas das afirmações feitas neste texto são idênticas às feitas no Tantrayana. Na verdade, alguns dos princípios tântricos mais importantes podem ser encontrados neste sutra. Ou, para colocar de outra forma, a coragem, a abertura e a audácia do Vajrayana, bem como seus métodos muitas vezes desconcertantes, até mesmo chocantes, são um resultado direto dos ensinamentos e da sabedoria que são discutidos abertamente no Sutra de Vimalakirti, que por sua vez fornece uma base sólida para a sabedoria e os métodos inconcebíveis do Vajrayana.

O Vajrayana pode empregar sem hesitação seu método único de tomar as emoções como caminho, porque sua base reside em afirmações como: “As emoções são a radiância do Buda” e “Os lótus só podem ser encontrados na lama molhada, não onde está seco”. Mesmo que uma suposta cadeira só tenha sido usada como mesa, assim que alguém senta-se nela, ela instantaneamente torna-se multifuncional. Nesse momento, todo o apego à ideia de que a cadeira só funciona como mesa desaba e, a partir de então, ela pode ser usada tanto como mesa quanto como cadeira.

De uma perspectiva mais intelectual e prática, as emoções só se tornam supostas emoções – o termo ‘supostas’ é importante aqui – quando não são acompanhadas de consciência. Como isso funciona? Imagine que você está urinando ao ar livre. De repente, você nota alguém caminhando diretamente em sua

direção. Qual é a sua reação automática? Parar de urinar – faz parte do nosso condicionamento. Da mesma forma, quando você sente raiva extrema, ciúme e orgulho, se você injetar mesmo uma gota do vírus da consciência nessa emoção, ela ficará doente. E uma emoção doente é o que você precisa, porque uma emoção doente é uma emoção fraca. O problema é que a maioria de nós demora muito para injetar-se, e esse atraso ajuda nossas emoções a tornarem-se enormemente grossas e surpreendentemente ágeis. É por isso que o Buda nos ofereceu este caminho, e é um caminho que pode ser distinguido de todos os outros porque simplesmente ser consciente é inteiramente indolor.

A maioria das pessoas espera que a primeira injeção de consciência funcione imediatamente, mas como é a primeira vez em centenas de vidas que aplicamos a consciência às nossas emoções, o efeito durará apenas uma fração de segundo. Também esperamos que cada pedacinho de ciúme, ou raiva, ou orgulho desapareça instantaneamente e para sempre – e, obviamente, isso não acontece. É porque continuamos a experimentar emoções que alguns praticantes ficam desiludidos com sua prática. Tendo passado tantos anos meditando e amassando centenas de *zafus*, como é possível ainda sentir ciúmes? É muito desencorajador.

Aprenda a satisfazer-se com a consistência. Toda vez que uma emoção surgir, apenas contente-se por ter se lembrado de injetá-la com aquele vírus irritante da consciência. Levará alguns anos para ver quaisquer efeitos observáveis, mas com o tempo, você começará a notar suas emoções à medida que elas surgem e, eventualmente, você pode até ser capaz de rir de si mesmo por sentir ciúmes em primeiro lugar. O ciúme não é a única emoção que pode te sobrecarregar, todas as emoções podem – sentir-se ridículo, por exemplo.

Iniciantes no caminho espiritual não têm ideia de como são os obstáculos. Suas respostas às suas próprias elevações emocionais são como ervas daninhas em um canteiro de flores e, a menos que você seja um jardineiro, não saberá a diferença. Aprender a identificar uma erva daninha como uma erva daninha levará tempo, mas uma vez que você consiga fazer isso, você não estará se saindo mal.

A sabedoria discutida no Sutra de Vimalakirti e a sabedoria por trás do Vajrayana de ‘você deve fazer e pensar o impensável’ são a mesma. Graças a essa sabedoria, o Budismo nunca foi limitado a uma região geográfica ou raça. Nem se tornou um kit de sobrevivência para apenas uma nacionalidade, ou o subproduto de uma luta política, debate psicológico ou investigação científica.

Os ensinamentos budistas e o caminho para a iluminação foram inspirados por uma experiência pura de sofrimento. Essa experiência desencadeou o desejo de chegar ao fundo do que o sofrimento realmente é, despertou a determinação de

livrar completamente os seres humanos do sofrimento e culminou na realização de que a ignorância da verdade é a causa de todo o sofrimento.

Em última análise, o Budadarma leva a uma verdade final, a verdade absoluta. Esta verdade absoluta está longe de ser fácil de entender, mas reside no cerne de todas as conversas fascinantes, reveladoras, iluminadoras e muitas vezes hilárias que encontramos no Sutra de Vimalakirti.

Como eu disse muitas vezes, é impossível para alguém como eu entender os ensinamentos neste sutra ou, aliás, qualquer um dos vastos e profundos ensinamentos do Buda.

Mais de vinte e cinco séculos passaram-se desde que o Tathagata, o Rei dos Bípedes, o Touro entre os Homens, o Príncipe dos Shakyas, o Conquistador dos Três Mundos, o Mestre dos Deuses e dos Humanos e Salvador de Todos os Seres fingiu não existir neste planeta. Nesse tempo, os ensinamentos do Buda espalharam-se para lugares tão distantes e exóticos quanto os palácios ricamente ornamentados dos imperadores japoneses e chineses, que são tão vibrantes e ornamentados que até Vimalakirti poderia ter invejado. Algumas das pessoas mais altruístas, ilustres e eficazes do mundo, de Nagarjuna à Imperatriz Wu Zetian da Dinastia Tang, honraram e adoraram as palavras do Buda. Hoje, suas palavras estão sendo traduzidas para que os seres de olhos azuis, nariz sardento, de pele mogno e café com cabelo de tom dourado e coral também possam ler, apreciar e contemplar sua sabedoria. Aqueles de vocês que realmente levarem a sério o conselho do Buda colherão muitas recompensas, a principal delas sendo aprender a libertar-se do estresse sem sentido, da tensão, do apego e da obsessão que tanto caracterizam a vida moderna.

Uma vez que um ensinamento existe há algum tempo, é importante consultar e examinar seus textos fontes. Para os muçulmanos, essa fonte é o Alcorão; para os cristãos, a Bíblia; e para os judeus, o Tanakh. A fonte de todos os ensinamentos do Buda são os sutras, porque são os sutras que registram fielmente as próprias palavras do Buda. Como os sutras são o ponto principal do Budadarma, é, portanto, crucial para todos os budistas lê-los, aprendê-los e explorá-los com um coração aberto.

Existem aqueles que, fingindo mente aberta e objetividade – que na realidade é mais culpa e hipocrisia – tentam desesperadamente identificar algo bom e que valha a pena em filosofias que são essencialmente violentas e cheias de ódio. Tendo feito isso, eles colocam toda a sua energia em convencer o restante de nós que, embora esteja enterrado em brutal hostilidade, aquele fragmento de ‘bem’ torna uma filosofia geradora de ódio digna, até mesmo admirável. Ao mesmo

tempo, por ciúme ou raiva ou o que quer que seja, outros parecem igualmente determinados a encontrar falhas em um caminho que é esmagadoramente benéfico, compassivo e útil. Eles esforçam-se muito para persuadir qualquer um que queira ouvir que, apesar das aparências, nenhuma filosofia pode ser *tão* boa e deve haver algo de suspeito nela. Em um clima assim, é ainda mais importante para os budistas examinarem nosso material fonte. Por isso é crucial que traduzamos os sutras e os tornamos disponíveis o mais amplamente possível, não apenas para os estudantes de hoje, mas para garantir o futuro do Budadarma.

Você provavelmente está se perguntando onde encontrei a coragem para tentar escrever este texto, ou como alguém como eu poderia sequer pensar em apresentar as palavras do Perfeito? Há algum tempo, duas experientes executivas, Tianqiao e Chrissy Chen, solicitaram que eu escrevesse um prefácio para uma nova edição do Sutra de Vimalakirti. Fiquei tão comovido com a salubridade de sua forte aspiração e desejo de tornar este sutra disponível ao maior número de pessoas possível que concordei. É claro que o perigo é que eu acabe de alguma forma manchando os ensinamentos do Perfeito – criatura imperfeita que sou. Mas quando pensei sobre isso, percebi que se este livro puder encorajar vocês, seus leitores, a escavarem suas mentes e extraírem apenas alguns pensamentos bons a mais; se puder inspirá-los a fazer o esforço para acumular mérito; se puder despertar sua curiosidade o suficiente para que vocês comecem a explorar a vasta e profunda sabedoria do Buda, então vale a pena o risco. É por isso que concordei em escrever este prefácio. Minha amiga Janine Schulz ajudou a torná-lo legível. Andreas Schulz, Du Yi, Helena Wang, Huang Jing Rui, Jain Feng, Jennifer Qi, John Canti, Kris Yao, Naya Fang, Sarah K. C. Wilkinson, Ushnisha Ng e muitos outros esforçaram-se muito para ilustrá-lo, traduzi-lo, editá-lo, revisá-lo, pesquisá-lo, corrigi-lo e distribuí-lo. Que eles, e todos aqueles que lerem, guardarem e possuírem este sutra, alcancem a iluminação. Enquanto isso, que todos nós encontremos alguém como Vimalakirti, que tenha a coragem de cutucar os erros de nossos conceitos, apontar nossos bloqueios e provocar nossas inibições.

Traduzido por Rafael Antonio Blanco, [tresando.com](https://tresando.com), 2025.

---

<sup>1</sup> *Vimalakīrtinirdeśa-sūtra*

<sup>2</sup> Skt. *dr̥ṣṭigata*. As sessenta e duas visões erradas podem ser encontradas no *Brahmajāla Sutta*.

<sup>3</sup> O tradutor do sutra utilizou a interpretação menos específica "Nobre Senhor" aqui para o termo Sânscrito *kulaputra* (em Tibetano *rigs kyi bu*), que (em ambas as línguas) significa literalmente "filho de uma/a família". Nos sutras, essa forma honorífica de tratamento — e também a equivalente "filha de uma/a família" — é usada em muitos diálogos quando o Buda ou bodisatvas seniores estão falando de, ou com discípulos, e às vezes é interpretada como significando os filhos ou filhas da "família" do Buda, ou seja, bodisatvas.

<sup>4</sup> *Mañjuśrīnirdeśasūtra*